Família Degering

Valberto Dirksen

A família Dechering ou Degering é originária da Alemanha, da região noroeste daquele país, mais precisamente da cidade de Vreden, situada junto à fronteira com a Holanda.

O imigrante, chamado *Bernard* Heinrich Dechering, veio solteiro em 1863 e estabeleceu-se em São Bonifácio, no vale do Capivari, onde se casou com Francisca Schmoeller.

O casal teve dois filhos e duas filhas, mas somente o filho mais velho, que permaneceu em São Bonifácio, deixou descendentes homens que levaram o sobrenome adiante. Por isso, a família Degering é relativamente pouco numerosa.

O segundo filho do imigrante estabeleceu-se em Braço do Norte. Ele teve somente quatro filhas, sem deixar descendentes masculinos. Estabeleceu-se também, em Braço do Norte, a filha mais nova do imigrante.

VALBERTO DIRKSEN

Família Degering

Florianópolis
2022

© 2022 Valberto Dirksen

Todos os direitos reservados,
incluindo o direito de reprodução total
ou de partes sob qualquer forma.

(Catalogação na publicação por Adriana Tomaz - CRB-14/663)

D599
Dirksen, Valberto
Família Degering / Valberto Dirksen. 2. ed. rev. e atual.. Florianópolis: Do Autor, 2022.
126 p.: il. fot.; 21 cm.

ISBN: 978-65-997799-3-0
E-book, PDF.

1. Histórias de Famílias 2. Imigração Alemã em Santa Catarina 5. Árvore Genealógica 6. Biografias I.Título

CDU 325.3(816.4)

Capa e editoração eletrônica:
José Valmeci de Souza (Atta)

Endereço do Autor:
dirksenbr@yahoo.com.br
(48) 3234-5808

Sumário

Apresentação..... 5
1 Nome e sobrenome..... 9
2 Bernard Dechering, na Alemanha..... 11
3 A terra de origem..... 15
4 Capivari – São Bonifácio..... 21
5 Bernard Dechering, no Brasil..... 27
6 Descendentes de Bernard Dechering..... 37
6.1 Peter Dechering..... 39
6.1.1 Francisca Degering..... 43
6.1.2 Johann Hermann Degering..... 49
6.1.3 Henrique Degering..... 51
6.1.4 Joaquina Degering..... 59
6.1.5 Bernardo Dechering..... 67
6.1.6 Isabel Degering..... 73
6.1.7 Antônio Degering..... 77
6.1.8 Catarina Degering..... 81
6.1.9 João Degering..... 85
6.1.10 Germano Degering..... 89
6.2 Heinrich Dechering..... 93
6.2.1 Francisca Elisabeth Deggering..... 97
6.2.2 Anna Isabel Deggering..... 105

6.2.3 Maria Deggering *109*
6.2.4 Cecília Deggering *115*
6.3 Elisabeth Francisca Degering 119
6.4 Descendentes de Francisca Elisabeth Degering 121
6.4.1 Rodolfo Henrique *123*
6.4.2 Francisco Henrique *123*
6.4.3 João *123*
6.4.4 Pedro Paulo *124*
6.4.5 Maria *124*
6.4.6 Verônica Gertrudes *124*
6.4.7 José Henrique *124*
6.4.8 Huberto Henrique *124*
6.4.9 Felix Henrique *124*
6.4.10 Antônio Henrique *124*
6.4.11 Augusto Henrique *125*
6.4.12 Ludgero Henrique *125*
6.4.13 Rosalina *125*

Apresentação

Ultimamente, cada vez mais pessoas têm-se interessado pela história da família. Uns focalizam o aspecto genealógico. Outros enfatizam o aspecto biográfico. Há também os que visam reverenciar a memória dos antepassados ou, então, remontar às origens para encontrar, na trajetória dos ancestrais, uma fonte de inspiração para si e para a família.

Também eu me dei ao trabalho de pesquisar a história de minha família para lembrar o imigrante e seus descendentes que consagraram suas vidas em prol da família e da sociedade onde viveram. Primeiro, do lado paterno, desde a saída da Alemanha até a terceira geração no Brasil. São resumidas biografias de cada um dos descendentes do imigrante, acompanhadas de informações de natureza genealógica, tais como nascimento, casamento e falecimento. A pesquisa resultou na publicação do livro: **DIRKSEN, história de uma família.**

Se já é difícil coletar os dados para compor a árvore genealógica, muito mais difícil é conseguir as informações para elaborar a biografia dos personagens que se quer retratar. Os documentos, nos quais podemos nos basear para compor uma biografia, são escassos ou, então, inexistentes. Nossos antepassados, em sua absoluta maioria, viviam ocupados com os trabalhos diários

da lavoura e, por isso, não tinham tempo nem preocupação em deixar algum registro de sua vida cotidiana. O único recurso ao qual o pesquisador pode, então, lançar mão são as entrevistas com os descendentes que guardaram na memória informações transmitidas de geração em geração. Desenrolando o novelo dessas informações e tecendo com esses fios um quadro descritivo, percebe-se que nele aparecem imagens que nos dão uma ideia da trajetória de vida de cada personagem. Nessa trama vislumbra-se a imagem da família: muito trabalho, dificuldades, doenças, alegrias, sucessos, fatalidades, encontros sociais entre os quais sobressaem os casamentos. Percebe-se que a vida em família é feita de altos e baixos, de êxitos e fracassos. Assim como a história de cada indivíduo é única, também a história de cada família é singular. Assim como são importantes as biografias dos grandes personagens da história, do mesmo modo, e não menos, também são as dos heroicos imigrantes e seus descendentes que, embora vivendo no anonimato, deram sua contribuição para a construção da sociedade da qual nós fazemos parte hoje.

Após a publicação do livro referente à história de minha família do lado paterno, sobreveio-me um sentimento de dívida com relação à minha mãe. Por que contemplar a família de meu pai com uma história e não, também, a de minha mãe? Por isso, senti-me na obrigação de empreender uma pesquisa voltada à família de minha mãe, qual seja, a família Dechering/Degering. Relutei muito tempo em assumir essa tarefa, pois sabia que teria muitíssimas dificuldades para conseguir os dados e as informações necessárias. Pesquisas preliminares apontavam para caminhos sem rumo certo, gerando mais dúvidas e incertezas do que resultados positivos. Os documentos indicavam que o imigrante Bernard Heinrich Dechering teve 4 filhos, ou seja, dois filhos e

duas filhas. Do filho mais velho havia farta informação, pois os descendentes permaneceram residindo em São Bonifácio, exceto um que se mudou para Vidal Ramos. Do segundo filho, as informações eram mínimas e os documentos apontavam para algumas pistas na região de Braço do Norte e São Ludgero. Para a filha mais velha, havia apenas o documento de nascimento. A tradição oral dava conta de seu falecimento prematuro, ainda criança. Por fim, da segunda filha do imigrante, a mais nova, não havia nenhuma pista para chegar ao fio da meada para saber qual teria sido seu paradeiro. Mas, para surpresa minha, e quando menos esperava, surgiu a solução para o enigma. Ela havia se mudado, ainda solteira, para Braço do Norte e ali contraído matrimônio e constituído família numerosa.

Pelo visto, a pesquisa que resultou neste livro enfrentou muitos obstáculos e dificuldades. Encontrei-me, muitas vezes, em becos sem saída. Faltavam peças no quebra-cabeça para compor o quadro da família. E aonde encontrá-las? Nem todas as pessoas tem o mesmo interesse e o mesmo entusiasmo quanto o autor da pesquisa em conhecer e registrar os fatos que marcaram a família em apreço. Foram necessárias muitas viagens, muitos telefonemas, muita insistência a ponto de, às vezes, aborrecer as pessoas. Verdade é que a maioria dos entrevistados demonstrou muito interesse, dando sua contribuição. Outros ficaram na promessa. Alguns poucos se desculparam, dizendo não saber nada, inclusive de parentes bem próximos.

É preciso dizê-lo com franqueza: pesquisar a história de uma família, ainda mais quando se trata da própria família, é apaixonante. É gratificante quando se chega à casa de um parente, ainda que desconhecido, ser bem recebido, interessado no assunto e que preservou no baú da memória algumas lembranças ou, em

algum canto da casa ou numa caixa de papelão, algumas fotografias antigas dos avós e de outros familiares.

A família Dechering, ou Degering como a maioria se assina hoje, é uma família relativamente pequena. O imigrante *Bernard* Heinrich Dechering teve apenas dois filhos homens e somente o mais velho, chamado Pedro, deu continuidade ao sobrenome. O segundo filho do imigrante, chamado Henrique, mudou-se, ainda solteiro, para Braço do Norte e teve apenas quatro filhas, não dando, portanto, continuidade ao sobrenome.

Alerto o leitor para eventuais equívocos ou discordâncias nos registros e nas narrativas deste livro. Nem sempre as informações que me foram transmitidas e das quais me servi, são unânimes. Outras vezes, por uma questão de ética, achei prudente omitir aspectos biográficos, embora marcantes, mas que poderiam, eventualmente, denegrir a honra da família em apreço. Diz um antigo ditado latino: *de mortuis nihil nisi bene* que, traduzido, quer dizer: "não faleis senão bem dos mortos".

Meu objetivo, com esta pesquisa, é fornecer subsídios para as gerações mais novas que desejam conhecer a história da família Degering e que queiram dar continuidade à história da própria família. Minha contribuição é o começo e, por isso, talvez, a parte mais difícil pelos motivos acima já expostos. Por isso, caro leitor, dê continuidade onde eu terminei ou acrescente o que falta à minha pesquisa.

[1]

Nome e sobrenome

Nome. O nome completo do imigrante era Bernard Heinrich, mas era conhecido por Bernard. Por isso, nós o nominaremos sempre por esse nome, ou seja, **Bernard**.

Muitos descendentes do imigrante, embora nascidos no Brasil, apresentam a grafia do nome em alemão, e também são conhecidos pelos nome alemão como, por exemplo, Heinrich (Henrique), Elisabeth (Isabel), Gertrud (Gertrudes), Johann (João), Hermann (Germano). Isso se deve ao fato de esses descendentes falarem o idioma alemão e também porque, naquela época, os padres, sendo alemães, registravam as crianças, por ocasião do batismo, com o nome grafado em alemão. Optei pela grafia, na medida do possível, tal qual se encontra nos registros.

Chamo a atenção para os nomes que se repetem, de geração em geração, entre os descendentes do imigrante. Era costume que, numa família, o filho mais velho recebesse o nome do avô paterno que também era o padrinho. Se fosse uma filha, recebia o nome da avó que era também a madrinha. O segundo filho ou filha tinha como padrinho e madrinha os avós maternos e o batizando recebia o nome do respectivo avô ou avó. No caso do terceiro filho ou filha entrava em ação o tio paterno mais velho.

Para o quarto filho ou filha era dado o nome da tia ou tio materno que também eram os padrinhos, e assim sucessivamente.

Sobrenome. A grafia do sobrenome do imigrante, em conformidade com os documentos na Alemanha, é **Dechering**. No entanto, aqui no Brasil, os dois filhos mais velhos foram registrados Dechering, ao passo que as duas filhas foram registradas Deggering (com dois gg). A maioria dos descendentes do imigrante Bernard Dechering teve o sobrenome alterado para Degering. Apenas uma família, a de Bernardo Dechering, neto do imigrante, que se estabeleceu em Vidal Ramos, manteve a assinatura original. Para evitar confusão, adotaremos a grafia tal qual consta nos documentos, ou seja, no registro de batismo ou de nascimento dos descendentes do imigrante.

Em Vreden, cidade natal do imigrante Bernard Dechering, ainda existem várias famílias com o mesmo sobrenome. Todavia, em outras cidades da Alemanha, existem famílias com o sobrenome Degering, mas que não têm ligação ou parentesco com as famílias Dechering de Vreden e, muito menos, com os Degering do Brasil, embora a grafia do sobrenome seja a mesma.

De acordo com o genealogista Peter-Klaus Degering, de Cotbus, Alemanha, a grafia original e correta seria Degering. Segundo ele, a assinatura Dechering seria um erro de registro de batismo, lembrando que naquela época não existia registro civil na Alemanha.

Portanto, o leitor não deve estranhar se a grafia do sobrenome aparece como Dechering, Degering ou Deggering. São variantes do mesmo sobrenome. Há, inclusive, alguns descendentes do imigrante quem se assinam Techering (com T). São erros de cartório porque, até em tempos não muito distantes, o cartorário registrava a criança baseando-se na informação oral, e nem sempre a pronúncia do informante era clara. Daí as adulterações de sobrenomes.

[2]

Bernard Heinrich Dechering

(*26.01.1839 – †26.10.1918)

A história da família Dechering começa em Vreden, na Alemanha, quando, em 1863, *Bernard* Heinrich decidiu emigrar para o Brasil. Antes porém, é necessário conhecer um pouco de sua família enquanto ele ainda residia na Alemanha.[1]

O pai do imigrante Bernard Dechering chamava-se **Hermann Barolomäus Dechering** (*05.09.1809, Vreden – †02.11.1874, Vreden). Casou com **Anna Maria Wissing**, (*22.01.1801, Vreden – †16.06.1861, Vreden), no dia 28 de agosto de 1832 na igreja paroquial de Sankt Georg (São Jorge), em Vreden. Foram testemunhas do casamento: Hermann Dechering e Bernd Bartels. A família Hermann e Anna Maria morava no centro da cidade, no Klühnmarkt/Mauerstr, 140. A profissão de Hermann era tecelão. Ele tinha um tear manual em casa com o qual obtinha o

1 As informações referentes à família de Bernard Heinrich Dechering, na Alemanha, foram fornecidas por Ludger Wenning Schlottbom, residente em Vreden, Alemanha. Ele, a meu pedido, realizou a pesquisa no arquivo da paróquia de Sankt Georg (São Jorge), em Vreden.

principal sustento da família, sobretudo no período de inverno quando não havia trabalho na lavoura. É provável que Hermann trabalhasse também como diarista na lavoura para algum *Bauer* (proprietário de terra), sobretudo nos meses de colheita da batata, do trigo e de outros grãos.

O casal Hermann Bartolomäus Dechering e Anna Maria Wissing teve 3 filhos:

1. **Johann** Hermann Dechering, nasceu e foi batizado no dia 23 de agosto de 1833, em Vreden. Seguiu a profissão do pai: era tecelão e diarista. Casou-se no dia 27 de abril de 1858, em Vreden, na igreja de Sankt Georg, com Catharina Bonhoff, nascida cerca de 1924/25, em Weseke, cidade situada 16 quilômetros distante de Vreden. Ela faleceu no dia 14 de maio de 1884, com 59 anos de idade.

Ficando viúvo, Johann Hermann Dechering casou, em segundas núpcias, com Johanna Maria Assing (*07.01.1849 – †10.06.1925), na igreja de Sankt Georg, em Vreden, no dia 30 de abril de 1885. Ela nasceu em Vreden-Grossemast, sendo padrinhos Johann Dechering e Johanna Wissing.

Johann Hermann Dechering faleceu em Vreden no dia 02 de junho de 1913, com 80 anos de idade.

Do primeiro casamento Dechering/Bonhoff nasceram uma filha e dois filhos. Os dois filhos faleceram solteiros com a idade de 20 anos, em Vreden. A única filha, Elisabeth, casou com Bernard Vorell, comerciante e tintureiro em azul (Blaufärber), natural de Stadlohn, cidade vizinha de Vreden. Do casamento Elisabeth Dechering e Bernard Vorell nasceram um filho e uma filha. O filho faleceu cedo. A filha nasceu em Vreden em 1884. A mãe, Elisabeth Dechering, faleceu em 1887 em Vreden. O pai, Bernard Vorell, mudou-se de Vreden, mais tarde. Nada se sabe de seu paradeiro.

Não há registro de filhos do segundo casamento, ou seja, de Johann Hermann Dechering com Johanna Maria Assing.

Pelo visto, a família Dechering da qual descende o imigrante que se estabeleceu em São Bonifácio, se extinguiu na Alemanha.

2. **Anna** Maria Christina Dechering nasceu e foi batizada no dia 05 de maio de 1835, em Vreden. Seus padrinhos foram Theodor Wissing e Christine Dechering. Ela faleceu cedo, antes de completar três anos, no dia 25.03.1838, em Vreden.

3. **Bernard** Henrich Dechering[2], nasceu no dia 26 de janeiro de 1839 e foi batizado no dia 27 de janeiro de 1839, em Vreden, sendo padrinhos Lambertus Kondring e Elisabeth Wissing.

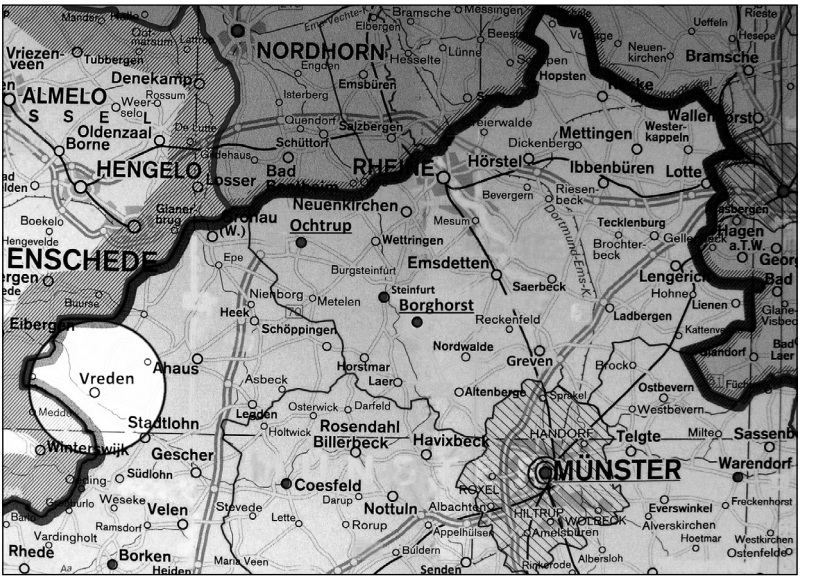
Bernardus (Bernardo) Dechering emigrou em 1863, ainda solteiro, para o Brasil. Dele e de seus descendentes trataremos nos próximos capítulos.

> Além de *Bernard* Heinrich Dechering, outro Dechering teria emigrado, em 1863, sem autorização, para o Brasil. Era irmão gêmeo de Johann Bernard Dechering nascido no dia 9 de março de 1831 na comunidade rural (*Bauernschaft*) de Ammeloe em Vreden, hoje Vreden-Ammeloe, casa nº 78. Seus padrinhos foram Johann Bernard Dechering e Elisabeth Lübbers. Suspeita-se que os dois emigrantes Dechering eram, de longe, parentes.

Se é verdade que este último emigrou para o Brasil, qual o paradeiro dele? Deixou descendentes em algum lugar aqui no Brasil?

Nota: Os sobrenomes citados neste capítulo, ainda existem, atualmente, em Vreden.

2 Bernard Heinrich foi registrado na forma latina, isto é, Bernardus Henricus.



Mapa da região de Münsterland (Vestfália/Alemanha).
Observe-se a localização, em destaque, da cidade de Vreden,
na fronteira com a Holanda.

[3]

A terra de origem

Bernard Dechering é natural de Vreden, uma cidade no noroeste da Alemanha, a poucos quilômetros da fronteira com a Holanda. Localiza-se no distrito (*Kreis*) de Borken, região administrativa de Münster, estado da Renânia do Norte, Vestfália. É uma região (*Regierungsbezirk*) totalmente plana onde se cultivam cereais como trigo, cevada e centeio, e criação de animais, principalmente gado vacum para produção de leite e também suínos.

Para entender o que pode ter levado Bernard Dechering a emigrar, é preciso voltar no tempo e verificar qual era a situação econômica e social da população em Vreden, como em toda a região da Vestfália, em 1863.

A primeira e principal questão era a terra. Destacavam-se, naquela época, os *Bauer*, que eram proprietários rurais com áreas que variavam de 60 a 80 hectares. Nessas propriedades trabalhavam, além da família do proprietário, alguns rendeiros e agregados. Também muitas pessoas da cidade conseguiam, como diaristas, trabalho temporário junto aos proprietários rurais (*Bauer*) nos períodos de maior demanda por mão de obra, sobretudo nos meses de colheita da batata e dos cereais. Vale lembrar que a

batata, como também o trigo, a aveia e o centeio, eram colhidos manualmente. Do mesmo modo, a colheita do feno e seu armazenamento no celeiro demandava muita mão de obra.

Além dos *Bauer*, havia também os *Kötter*, que eram pequenos proprietários rurais com uma área entre quatro a oito hectares. Os *Kötter* levavam uma vida muito difícil por causa da pequena área de terra onde podiam plantar no máximo alguns cereais e manter uma vaca leiteira.

Considere-se que na Vestfália, sendo uma região de planura, havia muitas áreas alagadiças, impróprias para agricultura. Além disso, não era permitido transformar toda a área em terra de agricultura, pois era necessário deixar boa parte para floresta, necessária para fornecimento de lenha no período de inverno.

É importante observar também que as propriedades rurais costumavam não ser divididas em herança. O filho mais velho herdava a propriedade e os demais filhos da família teriam que trabalhar para o mais velho ou, então, tomar rumo próprio, estabelecendo-se na cidade ou em outro lugar. Como eram poucas as opções de emprego, muitos optavam pela emigração.

Até meados do século 19 existiam na Vestfália, região conhecida também como *Münsterland*, muitas terras comunais onde aqueles que tinham um pequeno lote na cidade ou no povoado podiam levar um animal, como por exemplo uma vaca leiteira, para pastar livremente. Era também permitido recolher gravetos nas matas das terras comunais para aquecimento da casa nos longos períodos de frio. Porém, estas terras começaram a ser vendidas pelo poder público e, com isso, a população mais pobre ficou sem acesso a essas terras. Surgiu, então, o dilema: onde levar a vaca para pastar e onde conseguir lenha para o aquecimento? Ai

daquele que fosse pego recolhendo lenha na terra de um proprietário rural!

Aconteceram também, naquela época, alguns desastres climáticos que afetaram a produção agrícola gerando fome e desespero entre a população. Em 1844 houve uma grande queda na produção de centeio, o principal grão para a fabricação de pão. Dois anos mais tarde, em 1846, além da fraca colheita de centeio, houve também uma grande queda na produção de batatas. Essa queda na produção de batatas e de grãos afetou também os animais domésticos levando a uma queda na produção de carne e de leite com seus derivados. No imaginário da população, esses desastres poderiam se repetir a qualquer ano. A fome rondava por toda a parte. Para muitos, o horizonte mostrava-se cada vez mais sombrio e sem perspectivas de um futuro melhor pela frente.

No século 19 encontrava-se muito difundida em toda a Vestfália, a tecelagem doméstica. Cultivava-se nas propriedades rurais, em grande escala, o cânhamo e o linho. Dessas plantas extraiam-se as fibras para confecção de tecidos, tanto para uso próprio como também para exportação. Havia também significativa produção de lã, graças à criação de ovelhas. É sabido que o tecido de lã é muito apropriado para as regiões de clima frio. A tecelagem doméstica, principalmente nas propriedades rurais, era tão significativa que deu, inclusive, origem a um ditado popular que dizia: "o melhor traje do *Bauer* é aquele que ele mesmo tece e confecciona".[1] A partir de certa época, empresários holandeses começaram a fornecer algodão trazido por comerciantes do oriente, principalmente da Índia. Esses empresários serviam-se da mão de obra boa e barata dos tecelões domésticos da Vestfália.

1 *Selbst gesponnen, selbst gemacht, ist die beste Bauerntracht.*

Estatísticas indicam que mais da metade das famílias tinha em casa um tear, principalmente os moradores dos povoados (*dorf*). A mulher e os filhos confeccionavam os fios e o marido trabalhava no tear do amanhecer até o anoitecer, principalmente nos meses de inverno, quando não havia trabalho como diarista na lavoura de algum *Bauer*. A tecelagem doméstica era uma importante fonte de renda para a sobrevivência da família.

Com a Revolução Industrial que começou na Inglaterra, mas que atingiu também em poucos anos o continente europeu a começar pela Holanda e noroeste da Alemanha, a tecelagem doméstica entrou rapidamente em decadência. Era impossível um tecelão manual doméstico competir com a produção, em grande escala, das máquinas nas fábricas que foram surgindo por toda parte. Em novembro de 1845, por exemplo, havia na comunidade de Vreden mais de mil pessoas ocupadas direta ou indiretamente com a tecelagem doméstica. Menos de dois anos mais tarde, em janeiro de 1847, restavam poucas pessoas ocupadas com esse ramo de atividade econômica. A decadência da tecelagem doméstica foi um golpe fatal na sobrevivência de muitíssimas famílias. Documentos mostram que, à medida que a tecelagem doméstica decaiu, a mendicância cresceu.

Hermann Dechering, o pai do imigrante Bernard Dechering, tinha na tecelagem sua principal ou, talvez, única fonte de renda. A súbita decadência da tecelagem colocou a família numa encruzilhada: o que fazer para sobreviver? Pode-se supor que nesse ambiente de incerteza o filho Bernard, então com 24 anos de idade, ainda solteiro, tenha decidido emigrar. Afinal, antes dele, outros já haviam tomado a decisão de começar uma vida nova no novo mundo, quer nos Estados Unidos ou no Brasil.

O leitor poderia me perguntar: por que Bernard Dechering optou por emigrar para o Brasil e não os Estados Unidos para onde já haviam se dirigido milhares de famílias da Vestfália? Para uma resposta satisfatória, faz-se necessário tomar em consideração alguns fatores. O principal motivo da mudança de rumo na emigração era a guerra civil nos Estados Unidos, conhecida como a Guerra da Secessão que aconteceu, naquele país, de 1861 a 1865. Neste período, os Estados Unidos não receberam imigrantes. Outro fator nessa mudança de rota foram as empresas de navegação e os agentes aliciadores de emigrantes. Como as empresas de navegação não podiam mais transportar migrantes para os Estados Unidos, o Brasil passou a ser uma nova opção uma vez que o nosso país desejava receber imigrantes alemães para ocupar os espaços considerados vazios nos três estados do sul. Em combinação com as empresas de navegação, das autoridades brasileiras e de alguns Estados e Principados da Alemanha, os agentes percorriam os povoados fazendo intensa propaganda com toda a sorte de promessas e benefícios aos que não vislumbravam muito futuro em sua terra natal. Os agentes de propaganda usavam de todos os recursos e estratégias possíveis para conseguir emigrantes, pois recebiam por cabeça, ou seja, por pessoa arregimentada. Documentos comprovam que muitos emigrantes reconhecem ter sido iludidos com falsas e mirabolantes promessas quanto à terra, o clima e outros benefícios como propriedade particular, animais de montaria, caça, porte de armas. Mesmo assim, apesar das inúmeras dificuldades iniciais, a maioria dos imigrantes viu esse sonho realizado.

Casa, em estilo enxaimel, característica da região de Vreden.
Casas nesse estilo encontram-se reproduzidas em São Bonifácio,
onde se estabeleceu Bernard Heinrich Dechering,

[4]

Capivari – São Bonifácio

Em 1829 foi fundada São Pedro de Alcântara, a primeira colônia alemã em Santa Catarina. Sucederam-se, a partir de então, a fundação de muitas outras colônias neste estado. Era meta do governo atrair imigrantes, sobretudo de origem germânica, para ocupar os espaços considerados desabitados nos férteis vales dos caudalosos rios que descem a serra, entre eles o vale do Cubatão. Há mais tempo, o litoral já estava povoado por luso-açorianos e o planalto serrano, por luso-brasileiros vindos de São Paulo. Havia também, por parte do governo, o interesse em ligar o litoral com o planalto com um caminho por onde pudessem transitar, com segurança, pessoas e tropas de muares para abastecimento mútuo dessas duas regiões. Ao longo do trajeto foram fundados núcleos coloniais como postos avançados em vista do abastecimento dos transeuntes e para a segurança contra o perigo de ataque indígena.[1]

1 Em 1853 foi criada a Colônia Militar de Santa Teresa, no atual município de Alfredo Wagner. A sede da colônia ficava na localidade atualmente denominada Catuíra, em Alfredo Wagner.

Nesse sentido, foram fundadas, no vale do Cubatão, a colônia Santa Isabel, em 1847 e a colônia Teresópolis, no final de 1859, ambas localizadas no atual município de Águas Mornas. Como diretor da colônia Teresópolis, o Presidente da Província de Santa Catarina, Francisco Carlos de Araújo Brusque, nomeou Theodoro Todeschini[2]. Entre as providências que ele tomou para acomodar os imigrantes, foi a construção de um barracão onde os colonos ficavam alojados até se instalarem no lote a eles destinado, pois o lote que o colono recebia encontrava-se, evidentemente, ainda coberto de densa floresta. Por isso, o imigrante permanecia, com sua família, por alguns meses morando no barracão enquanto se ocupava com a derrubada de mato para plantação e construção de um rancho como moradia provisória. Nos anos subsequentes à fundação, centenas de famílias de imigrantes foram introduzidas na colônia e instaladas nos estreitos vales formados pelo rio Cubatão e por seus afluentes. Em pouco tempo as terras disponíveis para agricultura estavam todas ocupadas.

Em 1865, o Presidente da província de Santa Catarina escreveu, no seu Relatório ao Ministério da Agricultura, o seguinte:

"Estavam todas as praças [lotes] povoadas e algumas tão péssimas que os colonos dispunham-se a abandoná-las quando o incansável Diretor, transpondo a serra que separa o município de São José do da Laguna, descobriu, acima desta, as vertentes do rio Capivari, que corre em direção ao centro deste município; suas margens férteis e aprazíveis, além do feijão, milho e batatas,

2 Theodoro Todeschini (*25.03.1830 – †09.3.1900) era casado com Wilhelmine Rodakowski, falecida em 08.08.1862 na Colônia Teresópolis. Casou-se em segundas núpcias com Agnes Baumschütz (*02.08.1836 – †28.02.1904). Todeschini faleceu em Florianópolis. Embora católico, foi sepultado no cemitério da comunidade evangélica.

produz excelente cana e mandioca, gêneros estes de maior vantagem para a exportação; para ali, pois, têm se dirigido não só os recém-chegados, como muitos casais que abandonaram suas primitivas praças [lotes] por estéreis, achando na nova linha um mais sólido e profícuo estabelecimento."[3]

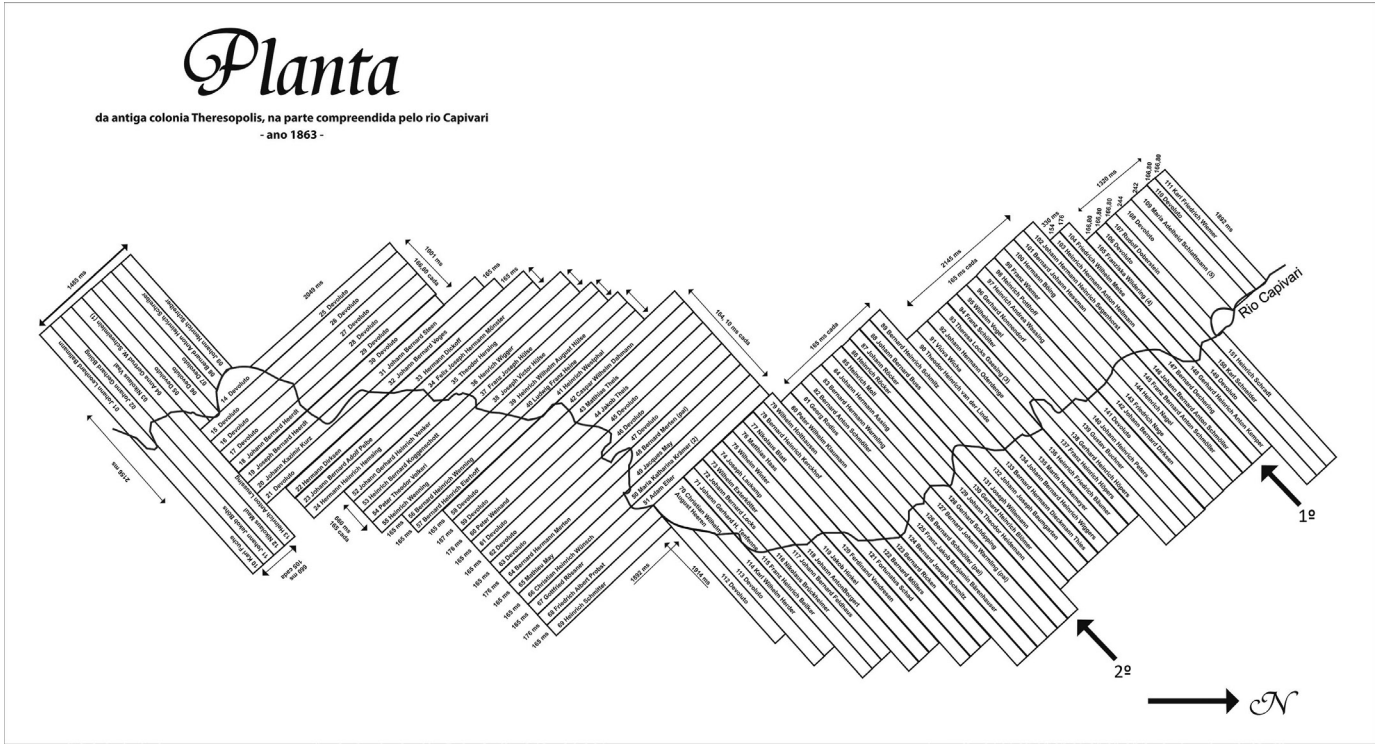
O documento mais antigo que se tem do Capivari, até o presente momento, é um mapa de 1863, onde se encontram dimensionados os lotes coloniais desde o Alto Capivari até a localidade de Santo Antônio. Eram, ao todo, 151 lotes dos quais alguns sem condições de serem ocupados devido ao terreno excessivamente acidentado e, por isso, improdutivos. Este mapa é um documento muito importante porque nele constam os nomes dos primeiros proprietários dos lotes e, consequentemente, os primeiros moradores de São Bonifácio. A medição das terras dessa linha colonial deu-se a partir das nascentes, estendendo-se pelas duas margens rio abaixo. Não se sabe qual o critério adotado na distribuição dos lotes. Supõe-se que tenha sido por sorteio, o que levou muitos imigrantes a abandonarem o lote, ou sequer tomar posse do mesmo, após tomar conhecimento das condições físicas do terreno impróprio para fixar residência.

O vale estava, evidentemente, coberto de densa mata atlântica. Mas, o clima era bom e isento de febre malária. Para se chegar até o Capivari, os imigrantes seguiam por um caminho (no início, apenas uma trilha pela mata) subindo pelas margens do rio Cubatão até o alto da serra, para alcançar, então, o vale do Capivari. No Alto Capivari, o vale é bastante íngreme e se constitui de

3 Relatório do Presidente da Província ao Ministério da Agricultura, de 22.11.1865.

pequenos vales estreitos onde se encontram as nascentes do rio. Porém, à medida que se segue o rio abaixo, o vale se abre em alguns trechos, apresentando terrenos menos íngremes e, por isso, mais apropriados para agricultura.

Foi neste vale e neste ambiente que teve início e se desenvolveu a história da família Dechering no Brasil. Foi também no Capivari/São Bonifácio que permaneceram as raízes que deram continuidade a essa família até hoje.



Mapa da colônia Teresópolis – Linha Capivari. 1863. (Este mapa é uma reconstituição com base no original que se encontra no Arquivo da Secretaria de Estado da Agricultura de Santa Catarina).

[5]

Bernard Dechering no Brasil

Até agora não foi localizado nenhum documento que indicasse quando exatamente Bernard Dechering partiu de Vreden, quanto tempo demorou a travessia do Atlântico e quando chegou no seu destino final, a colônia Teresópolis – Linha Capivari.

Com base na descrição de outros emigrantes, pode-se imaginar como foi a trajetória de Bernard desde sua terra natal até o seu novo lar no Brasil.

Bernard decidira emigrar. Os preparativos haviam sido providenciados. À medida que a data se aproximava, aumentava a ansiedade e a expectativa por tudo o que poderia vir pela frente. Certamente não ficou imune a um sentimento de medo, pois ele partia para o desconhecido. Como suportaria a longa viagem pelo oceano? Como se sentiria no Brasil onde se falava um idioma que ele não conhecia?

Chegara finalmente a data marcada para a partida. Chegara a hora da despedida dos familiares, dos amigos e da cidade natal. Foi, certamente, uma despedida dolorosa, um adeus para sempre,

pois Bernard sabia que a viagem transoceânica não tinha volta. Ele nunca mais tornaria a ver sua terra natal.

Bernard Heinrich Dechering veio solteiro para o Brasil.[1] Não se sabe com quem ele viajou uma vez que não era permitido um solteiro viajar desacompanhado. Há uma notícia, de tradição familiar, segundo a qual Bernard teria viajado em companhia de uma família de sobrenome Schaefer, mas até agora nada pôde ser comprovado. Bernard, como a maioria dos emigrantes da Vestfália, embarcou no porto de Antuérpia, na Bélgica. A travessia transoceânica, até o Rio de Janeiro, deve ter demorado em torno de 50 a 60 dias. Permaneceu, como os demais imigrantes, alguns dias no Rio de Janeiro, na Hospedaria da Associação Central de Colonização, para exames médicos e regularização da documentação. De lá, seguiu para Desterro (atual Florianópolis), onde aportou num navio costeiro após oito dias de viagem. De Desterro para Teresópolis, o trajeto era feito a pé e a mudança em carro de boi ou no lombo de mula ou cavalo. Esse trajeto demorava mais uns dois a três dias. Se somarmos todos os dias, desde a partida de Vreden até a chegada em Teresópolis, a viagem deve ter durado em torno de três meses.

1 Há uma tradição oral segundo a qual Bernard Dechering teria emigrado da Alemanha, acompanhado da noiva e esta teria morrido durante a viagem. Essa versão é pouco provável, pois o casamento poderia ter sido realizado antes do embarque, ainda na Alemanha. Além disso, não se encontrou, até agora, nenhum documento que comprovasse essa versão. Outra tradição, também oral, afirma que Bernard viajou "inscrito", numa família de nome Schaefer. Essa tradição, embora não tendo amparo de prova documental, é mais consistente porque, naquela época, o emigrante solteiro só poderia viajar se inscrito numa família, de preferência com algum grau de parentesco ou, então, muito conhecida.

Qual terá sido a impressão de Bernard ao chegar em Teresópolis? É difícil de imaginar. Teresópolis era um pequeno povoado, com algumas casas, a igreja e o barracão de alojamento dos imigrantes. No mais, em volta, só morros íngremes e floresta. Nos lotes próximos, já ocupados, podiam ser vistos ranchos cobertos com folha de palmeira e, em volta, uma clareira com plantação para suprir as primeiras necessidades. Mas, Teresópolis não veio a ser o ponto final de sua migração. Foi-lhe comunicado que o lote a ele destinado se localizava no outro lado das montanhas, no vale do Capivari, uns vinte quilômetros floresta adentro. Seu nome aparece documentado, pela primeira vez, no mapa da colônia Teresópolis/Linha Capivari, de 1863, no lote nº 147, o quinto lote, no Alto Capivari, na margem esquerda do rio. Era necessário, portanto, tomar posse do seu lote. Se até Teresópolis havia um caminho transitável com carro de boi ou a cavalo, daqui para frente o deslocamento era unicamente a pé, por uma picada pelo mato, seguindo o rio Cubatão acima.

E a mudança de Bernard, de que consistia? Certamente um baú de madeira, de menos de meio métrico cúbico, onde cabiam suas roupas, roupa de cama, algumas ferramentas e mais alguns objetos para uso doméstico como louça, talheres, etc. Chegando no Capivari, e tendo tomado posse de seu lote, por onde começar e como proceder para instalar seu novo lar? A primeira tarefa foi abrir uma clareira na mata com foice e machado. Em seguida, construir um rancho coberto com folha de palmeira para ter onde se abrigar. Ele, que viera solteiro, quem o ajudaria nessa árdua e desconhecida tarefa? Quem lavava sua roupa? Com que se alimentava? Como era o asseio pessoal nesse ambiente ainda selvagem? O que terá ele sentido nas noites

de escuridão? Medo? Saudade dos pais e dos amigos da pátria distante? Ou terá ele se associado a algum dos vizinhos para construir os ranchos em sistema de mutirão para afugentar a solidão e não perder a esperança por dias melhores? Bernard tinha bons vizinhos, originários também da Vestfália e que, portanto, falavam o mesmo dialeto e cultivavam as mesmas tradições e vinham animados das mesmas esperanças. Os vizinhos mais próximos eram Gerhard Heinrich Kemper (extremante pelo lado norte), Johann Bernard Anton Schmoeller (extremante pelo lado sul) e Heinrich Hermann Anton Hellmann (extremante pelo lado oeste, na margem direita do rio).

Não muito tempo depois de se encontrar no Capivari, contando já com 24 ou 25 anos de idade, Bernard decidiu constituir família e encontrou sua noiva não muito distante. Entre as opções que as circunstâncias do momento lhe ofereciam, estava a filha do vizinho mais próximo. Casou-se, em Teresópolis no atual município de Águas Mornas, com *Anna Maria Catharina* **Francisca Schmoeller** (*21.08.1840 – †.../.../...), filha de Bernard Schmoeller e Gertrud Alkmann[2]. Não se encontrou o registro de casamento, mas presume-se que a cerimônia tenha se realizado no final de 1863 ou início de 1864. A festa do casamento foi certamente na "casa" dos pais da noiva. Imagine o leitor o ambiente da festa que costumava ser com um almoço ao meio dia para os convidados vizinhos e parentes: uma clareira no meio da floresta onde a residência provavelmente não passava de um rancho coberto com folhas de palmeira.

2 Anna Maria Catharina *Francisca* era filha de Bernard Schmoeller (*14-8-1810) e Maria Catharina Wellmann, residentes em Leer/Alemanha.

Aqui, ou talvez um pouco mais à direita,
teria sido o lugar da primeira residência de Bernard Dechering.

Bernard Dechering morou, portanto, no começo, em Alto Capivari, pouco acima da gruta Bom Pastor. Foi ali o berço da família Dechering no Brasil. Ali nasceram os dois filhos e duas filhas e ali ele residiu vários anos. Foi também neste lugar que a família foi atingida por uma triste fatalidade. No córrego próximo de casa, morreu afogada a filha de dois anos e meio, em 1875.

Acostumado com as planuras do norte da Alemanha, Bernard teve dificuldade de se adaptar ao relevo acidentado de sua propriedade. Por isso, resolveu mudar-se. Isso foi por volta de 1888. Desfez-se do lote no Alto Capivari e adquiriu, em São Bonifácio, o lote 129, de Hermann Heidemann, que se mudou para São Martinho.[3] A propriedade situava-se perto do povoado onde já havia igreja e escola, a terra era melhor e, sobretudo, mais plana e, como tal, mais apropriada para agricultura.

3 Atualmente reside na propriedade o bisneto Arvelino Degering casado com Irene Exterkötter.

Em data ignorada, Bernard ficou viúvo. Passados alguns anos, casou-se em segundas núpcias com Coletta de Smett[4], viúva de Ferdinand Vandresen, com quem ele passou a morar. Mas, segundo Francisco Schaden, o casal não se entendeu e se separou. Albertina Dirksen, bisneta de Bernard por parte de mãe, conta que ouviu de sua mãe Joaquina Degering a informação de que o casamento de Bernard com Coletta não deu certo porque, ao se casarem, ela teria questionado Bernard a respeito de dívida, pois tinha comprado a terra de Hermann Heidemann. Mas Bernard, embora houvesse negado qualquer dívida, devia, na verdade, a quantia de 50 mil réis a alguém e teria se apoderado clandestinamente desta quantia do patrimônio de Coletta. Esta, ao saber do acontecido, teria se separado de Bernard, mandando-o de volta para sua casa onde ainda moravam os filhos.

Coletta fazia pinturas de decoração no interior das casas com frases, arandelas, panos de parede, etc. Às vezes também pintura à base de cal em paredes rebocadas. Essa profissão ela continuou exercendo depois de separar-se de Bernard. Quando o filho se mudou para Rio Fortuna, ela o acompanhou onde também faleceu e foi sepultada.

Bernard Dechering faleceu em São Bonifácio no dia 26.10.1918 e foi sepultado no cemitério da comunidade. Com a remodelação do cemitério, seus restos mortais foram depositados na sepultura do filho Pedro Degering e Maria Leising. No túmulo, há uma placa de pedra granito onde consta apenas o nome, sem outras informações.

Apesar do anonimato a que foi relegado, Bernard Dechering está entre os primeríssimos moradores de São Bonifácio, com data de chegada a este lugar em 1863.

---

4 Coletta de Smett era filha de Peter Johann de Smett e Sophia Vernoven.

Bernard era muito trabalhador e caprichoso. Prova disso é a bela propriedade que ele adquiriu de Hermann Heidemann, em São Bonifácio, aproximadamente um quilômetro acima da cidade, na margem esquerda do rio Capivari. Nesta propriedade, uma grande e bonita vargem, Bernard construiu uma espaçosa e, para aquela época, moderna casa em estilo enxaimel.[5] A casa ainda existe, mas por falta de manutenção, se encontra em precário estado de conservação. Nela reside atualmente Arvelino Degering, bisneto do imigrante Bernard.

Residência da família de Bernard Dechering, em São Bonifácio. Nesta casa nasceram os dez filhos de Pedro Degering.

Bernard, além de homem trabalhador e zeloso com seus bens materiais, marcava também forte presença na comunidade, sobretudo na Igreja, graças à sua profunda e sólida religiosidade.

5 Não há informação precisa quanto à data de construção desta casa, mas admite-se que é uma das mais antigas do município de São Bonifácio.

Durante muitos anos ele foi o encarregado de fazer a coleta no culto dominical e na missa.

Francisco Serafim Schaden, que chegou em São Bonifácio em 1912, é autor de várias "memórias" de pessoas expressivas na comunidade. Uma delas tem como título "Vater Degering".

O autor se expressa assim:

"Quando cheguei a São Bonifácio, era vivo ainda "Vater Degering", um dos veteranos do desbravamento. O seu nome de batismo era Bernhard mas nunca o chamavam assim. O peso dos anos já lhe havia curvado o dorso, o seu andar se tornava vagaroso, e as mãos calosas mostravam bem a árdua vida de colono que levara.

Todavia, as suas canseiras e esforços não tinham sido em vão, e "Vater Degering" podia passar em sossego os seus dias de ancião na bela propriedade que legara ao filho. Havia muito que a esposa falecera, mas os netos, salvo os que já tinham constituído família, brincavam ou trabalhavam em torno do velho.

"Vater Degering", nascido ainda na Alemanha, em condições modestas, não tivera a felicidade de aprender a ler e a escrever.

Em compensação, eram extraordinários os seus conhecimentos de religião. Era raro o domingo ou dia santo em que "Vater Degering" deixava de ir à capela; não faltava nunca nas poucas missas que havia, umas duas ou três vezes por ano. Em virtude desse fervor, o venerando ancião recebera o encargo de fazer as coletas dominicais na igreja.

Certa tarde de domingo, fiz-lhe uma visita e, para diverti-lo, contei-lhe algumas anedotas. Entre elas, a seguinte historieta passada num lugarejo da Alemanha: certa vez um sacristão, percorrendo a igreja a recolher esmolas, deu com um homem adormecido. Suspeitando, porém, tratar-se de um fingido, tocou-o com

a bolsa de coletas. O homem acordou, olhou assustado para a bolsa e disse finalmente em voz baixa ao sacristão: "Dat is nich min Mütz", (este não é o meu gorro).

"Vater Degering" gostou muito dessa historieta. E, várias vezes, no decorrer da tarde, observei como sorria ao lembrar-se dela.

Como de costume, havia reunião de culto no domingo seguinte. Ao ofertório, enquanto eu acompanhava ao harmônio o coro da capela, "Vater Degering", iniciando a sua coleta, passou por mim, apresentando-me a bolsa, embora eu não lhe pudesse dar o meu óbolo porque tinha as mãos ocupadas. Disse-lhe baixinho: "Dat is nich min Mütz".

Tive de repetir a frase, porque o ancião não me entendera.

"Vater Degering" ficou então sorrindo durante toda a coleta e, quando tornou a passar por mim, levantou o dedo como para admoestar-me, enquanto a sua fisionomia tomou uma expressão de deliciosa arteirice.

A tradicional e característica bolsa com que "Vater Degering" recolhera tantos óbolos não sobreviveu muito ao venerando ancião. Um dia estava quebrada a haste, e desde então passaram-se a fazer as coletas com um simples prato de folha (esmaltado)".

[6]

Os descendentes de Bernard Dechering

Apresentamos, a seguir, os nomes com a respectiva data de nascimento e de falecimento dos dois filhos e das duas filhas do casal Bernard Dechering e Francisca Schmoeller. Nos capítulos seguintes serão apresentados dados biográficos complementares. Não foi tarefa fácil compor as biografias dos descendentes do imigrante Bernard Dechering. Reconheço que há muitas lacunas que outros pesquisadores conseguirão, talvez, preencher. Vale lembrar que a prole do casal imigrante cresceu no meio rural onde se dedicou às atividades agrícolas. Envolvidos nas lidas diárias e morando isolados, sem frequentar a escola e sem muita comunicação com o mundo exterior, não se preocuparam em deixar para a posteridade documentos que pudessem ajudar a conhecer mais de perto a vida que levavam no cotidiano. Ouve-se com frequência, das gerações mais novas, a queixa: "meus pais não nos contavam nada a respeito de como era a vida dos avós e demais antepassados". Às vezes, esse silêncio era intencional para esconder informações aos filhos e netos e, assim, preservar

a honra da família. Na maioria dos casos, a preocupações do dia a dia eram outras que falar sobre a história da família para consolidar uma tradição.

Filhos de Bernard Dechering e Francisca Schmoeller

1 – **Peter (Pedro)** Dechering (*13.12.1864 – †23.11.1928), Casado com Maria Leising (Lyising) (*01.03.1866 – † 16.03.1941). Residia em São Bonifácio-SC.

2 – **Heinrich (Henrique)** Dechering (*9.10.1868 – †17.09.1945), casado com Gertrud Stange (28.08.1871 – †18.12.1940). Residia em Braço do Norte-SC.

3 – **Elisabeth** Francisca Deggering (*07.01.1873 – †.../.../1875), faleceu criança no Alto Capivari, em São Bonifácio-SC.

4 – Francisca **Elisabeth** Deggering (*10.02.1876 – †22.07.1955), casada com Heinrich (Henrique) Philippi (*22.11.1872 – †09.11.1935). Residia em Braço do Norte-SC.

Observação: Peter e Heinrich tiveram o sobrenome registrado como Dechering (com ch) e as duas filhas Elisabeth Francisca e Francisca Elisabeth tiveram o sobrenome registrado como Deggering (com gg). O imigrante Bernard Dechering assinava o sobrenome com ch. Todos os descendentes adotaram a assinatura do sobrenome Degering ou Deggering (com um g ou dois gg), exceto Bernardo Dechering, filho de Pedro Dechering, que se mudou para Vidal Ramos. Este se assinava Bernardo Dechering, como também seus descendentes assim se assinam.

[6.1]

Peter Dechering

(*13.12.1864 – †23.11.1928)

Peter (Pedro) Dechering nasceu no dia 13 de dezembro de 1864 no Alto Capivari, em São Bonifácio-SC. Foi batizado em Vargem Grande no dia 13 de março de 1865, sendo padrinhos Peter Heinzen e Helena Heinzen. Nada se sabe de especial a respeito de sua vida na casa paterna antes do casamento. Em virtude da distância, não frequentou a escola e, por isso, não aprendeu a ler e escrever. Trabalhou com os pais na lavoura e demais serviços domésticos. Aos domingos e dias santos acompanhava a família que participava com regularidade do culto dominical ou, quando havia, da Santa Missa.

Casou-se com **Maria Leising** (Lyising)[1] (*01.03.1866 – †16.03.1941) cujos pais moravam em Grummelbach (atual Santo Antônio/São Bonifácio-SC). Maria Leising foi batizada em

1 Maria Leising era filha de Johann Leising (* 13.04.1833) e Maria Theresia Fiefhaus (* 30.06.1824). A família chegou no Rio de Janeiro no dia 16.10.1863. Seus avós paternos eram Gehard Leising e Mina Dameling. Avós maternos: Hermann Fiefhaus e Anna Hartmann.

Vargem Grande no dia 12.05.1866, sendo padrinhos Mathias Schmitz e Maria Gorges.

Pedro Dechering e Maria Leising.

Pedro herdou a propriedade paterna em São Bonifácio. Dedicou-se com muita tenacidade ao cultivo da terra, podendo ser considerado um homem financeiramente bem de vida para os padrões daquela época. Sua terra era de excelente qualidade com uma boa vargem na curva do rio Capivari. Vendia o excedente da produção em Santo Amaro, Palhoça, São José e Florianópolis. Era costume naquela época que, de tempos em

tempos, colonos se juntassem em grupo e levassem, em caravana, seus produtos ao mercado consumidor. Pedro participava também dessas caravanas.

Pedro, como também sua esposa Maria, era muito religioso e atuante na igreja. Durante muitos anos fez parte da diretoria da igreja cujos membros eram chamados fabriqueiros, ocupando, inclusive, o cargo de presidente. Era severo e exigente. Queria que tudo funcionasse corretamente. Sempre que havia alguma procissão, todos deviam andar em fila, um atrás do outro, corretamente. Certa vez, por ocasião da festa de Corpus Christi, as pessoas saíram da igreja para a procissão sem a ordem usual. Pedro tomou a palavra e disse em voz forte às pessoas: "todos em fila, em ordem, um atrás do outro. Isso aqui mais parece uma manada de porcos saindo em desordem de um curral do que uma procissão de Corpus Christi".

Em pé, esquerda para direita: Catarina, Isabel, Germano, Antônio e João. Sentados: Maria Leising e Pedro Dechering. (foto ± 1918)

Pedro Dechering faleceu no dia 23 de novembro de 1928 e Maria Leising no dia 16 de março de 1941. Ambos estão sepultados no cemitério de São Bonifácio.

Filhos de Pedro Dechering e Maria Leising

1. Francisca Degering (*13.12.1888 – †31.05.1963). Casada com Germano Dirksen (*09.08.1886 – †05.10.1954).

2. **Johann Hermann** Degering (*29.08.1890 – †30.12.1891). Faleceu criança.

3. Henrique Degering (*24.08.1892 – †24.10.1974). Casado 1) com Helena Lehmkuhl (*11.09.1891 – †17.12.1934), 2) com Eleonora Sehnem (*25.05.1906 – †14.01.1940), 3) com Magdalena Epping (*03.05.1912 – †04.01.1995).

4. Joaquina Degering (*13.07.1894 – †28.07.1977). Casada com Henrique Dirksen (*02.07.1888 – †15.10.1970).

5. Bernardo Dechering (*27.08.1896 – †14.10.1949), casado com Thereza Röcker (*10.06.1893 – †17.02.1969).

6. Isabel Degering (*01.10.1898 – †15.09.1979), casada com Eduardo Dirksen (*08.01.1900 – †27.08.1971).

7. Antônio Degering (*10.04.1900 – †25.12.1968), casado com Paulina Kock (*02.01.1905 – †26.08.1979).

8. Catarina Degering (*29.08.1903 – †08.01.1994). Casada com João Buss (*29.03.1903 – †24.05.1968).

9. João Degering (*01.11.1905 – †29.09.1976) casado com Tereza Haverroth (*06.10.1907 – †23.10.1982).

10. Germano Degering (*02.10.1908 – †02.10.1989) casado com Ana Heerdt (*19.12.1907 – †09.07.1996).

[6.1.1]

Francisca Degering

(*13.12.1888 – †31.05.1963)

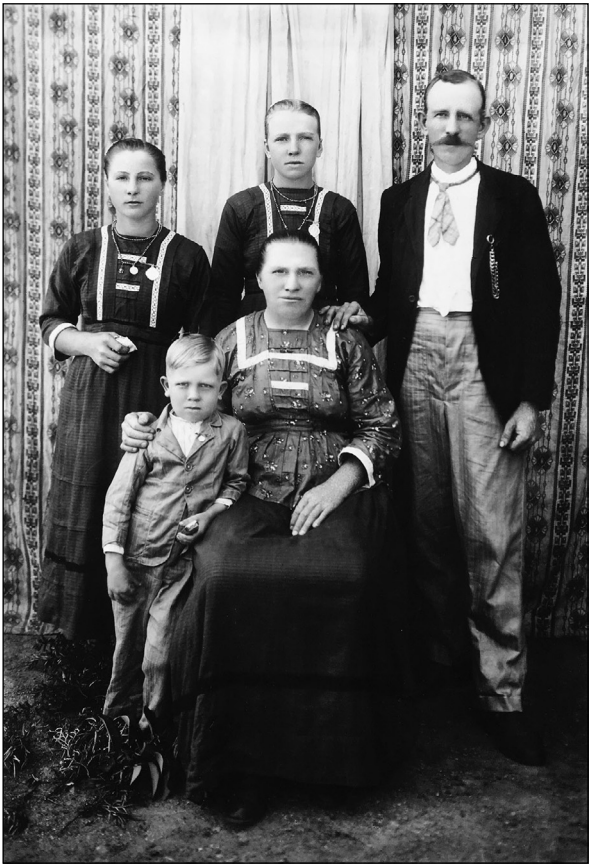
Francisca Degering nasceu em São Bonifácio, Santa Catarina, no dia 13 de dezembro de 1888. Foi batizada em São Bonifácio no dia 19.12.1888, sendo Padrinhos os avós maternos Johann Leising e Thereza Fiefhaus. Passou a infância e a juventude com seus pais e irmãos trabalhando na lavoura.

Casou-se com **Germano Dirksen**[1] (*09.08.1886 – †04.10.1954) no dia 11 de junho de 1908. A cerimônia realizou-se em Santo Antônio, onde morava a família de Germano, tendo como testemunhas Henrique Dirksen e Henrique Degering. A cerimônia foi presidida por frei Burchardo Sasse OFM.

Francisca e Germano moraram primeiro uns dez anos em Santo Antônio, na terra dos pais de Germano, perto do rio Capivari. Enquanto ali moravam, aconteceu um grave e triste acidente fatal com a filhinha Maria. De manhã cedo, enquanto os pais tratavam o gado, Maria, com um ano de idade, encontrava-se acomodada junto ao fogão à lenha. Um cachorro, que também se encontrava no lugar, saltou por cima do fogão e derrubou uma

1 Germano Dirksen era filho de Johann Bernard Dirksen e Carolina Haverkamp.

chaleira de água fervendo que atingiu a menina. A queimadura cobriu a maior parte do corpo da criança e, como não havia recursos médicos à disposição, a menina veio a falecer poucos dias mais tarde. Esse fato abalou profundamente Francisca e Germano, levando-os a sair de Santo Antônio. Por volta de 1919 mudaram-se para Rio São João, no lugar denominado Canudos, no município de São Martinho.



Laura (adotiva), Rosalina, Germano Dirksen, Aloísio e Francisca Degering.

Em 1923, o casal vendeu o terreno em Canudos para Henrique Dirksen, irmão de Germano e que era casado com Joaquina Degering, irmã de Francisca.[2] Francisca e Germano, por sua vez, compraram, na sede do povoado de Rio São João, a casa de comércio de Bernardo Back. Nesta casa de comércio, conhecida também como venda, os colonos podiam vender o excedente da produção como também adquirir de tudo o que necessitassem para uso doméstico. Além disso, Francisca era também excelente parteira e era chamada com muita frequência para assistir mulheres em serviço de parto.

No entanto, nessa época em que Francisca e Germano moraram em Rio São João, a vida do casal complicou-se muito por diversos motivos. Entre outros, Germano entregou-se à bebida alcoólica. Não queremos mencionar os deslizes amorosos de Francisca que, talvez, contribuíram para arruinar o prestígio moral da família. Certa ocasião, encontrando-se embriagado, assinou como avalista para João Eyng. Como este não honrou seus compromissos, Germano teve que pagar a dívida, vendendo a maior parte de sua propriedade. Tal fato arruinou ainda mais a vida da família. Em 1934, Francisca e Germano mudaram-se para Rio Bravo Alto, no atual município de Rio Fortuna, e foram morar com Elisabeth Dirksen, irmã de Germano, que ficara viúva há um ano. No início, Francisca e Germano moraram num rancho anexo ao paiol. Como se encontravam em situação de extrema pobreza, os vizinhos os ajudavam com alimentação. Passado algum tempo, conseguiram construir uma pequena casa de madeira. Trabalhavam na terra de Elisabeth e arrendavam também áreas de terra dos vizinhos. Francisca atendia também

2 Três irmãos (Germano, Henrique e Eduardo Dirksen) eram casados com três irmãs (Francisca, Joaquina e Elisabeth Degering).

como parteira. Gradativamente, conseguiram recuperar-se financeiramente e ele, Germano, livrou-se completamente do vício do álcool. Com as economias obtidas do persistente trabalho na lavoura, compraram do vizinho, Carlos Ballmann, pequena área de terra onde fixaram residência. O filho Aloísio, que havia estudado uns três anos no seminário dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, em Corupá, veio a ser professor na escola local exercendo também a profissão de dentista prático. Aloísio passou também alguns meses no norte do Paraná que, naquela época, estava sendo desbravado, trabalhando como diarista na derrubada de mato. Era um trabalho extremamente pesado e cansativo, pois o serviço era feito com machado, do amanhecer até o anoitecer. Lembramos que, naquela região, havia densa floresta com gigantescas árvores de peroba, canela e outras madeiras de qualidade dura. Ao retornar para casa, – contou-me ele – passando por Curitiba, comprou com o dinheiro adquirido, uma bonita fatiota (terno), como presente, para seu pai Germano.

Em 1950, quando foram colonizadas as terras no norte do Paraná, Francisca e Germano mudaram-se com os dois filhos já casados (Aloísio e Marcolino) para aquela região[3] e foram morar no lugar denominado Graciosa, no município de Paranavaí. Era um novo começo no meio da floresta. Após o falecimento de Germano, os filhos desfizeram-se da propriedade rural. Marcolino foi morar com sua família em Paranavaí e Aloísio mudou-se para Curitiba.

Germano faleceu no dia 04 de outubro de 1954 e Francisca no dia 31 de maio de 1963. Ambos estão sepultados no cemitério da comunidade de Graciosa, no município de Paranavaí-PR.

---

3 A viagem de mudança para no norte do Paraná teve início no dia 13 de junho de 1950 e demorou 4 dias.

Filhos de Francisca Degering e Germano Dirksen

1. **Rosalina** (*09.08.1912 – †20.09.1987) casada com Gerônimo Heinzen (*08.02.1906 – †05.01.1976). Ambos estão sepultados no cemitério de Santa Maria, no município de São Bonifácio.

2. **Maria** (*27.04.1915 – †12.04.1916). Faleceu com um ano de idade em consequência de queimaduras com água quente. Está sepultada no cemitério de Santo Antônio/São Bonifácio.

3. Aloísio (*19.08.1920 – †27.02.1995) casado com Josefina Mönster (*26.12.1919). Filhos: Eno (*24.11.1942), Plínio (*02.04.1945), Anilton Udo (*12.03.1946 – †22.11.2021), Onésio (*17.10.1947 – †24.01.2022), Valdete (*09.04.1950), Dalnei (*02.09.1952). Aluísio faleceu em Curitiba onde também foi sepultado.

4. Marcolino (*16.10.1928 – †13.12.1988) casado com Maria Ballmann (*01.11.1925 – †14.02.2021). Filhos: Ademar (*07.07.1947 – †10.01.1957), Lorena (*08.12.1949 – †25.04.2022), Lúcio (*02.01.1952), Valmor (*15.07.1953), Edite (*14.01.1958) e Volnei (*28.09.1959). Marcolino era taxista e foi assassinado em Paranavaí.

5. Laura Hammes[4] (adotada) (*25.01.1910 – †14.02.1987) casada com Geraldo Heinzen (*14.12.1909 – †08.10.1975). Estão sepultados no cemitério de Santa Maria, no município de São Bonifácio.

4 Laura Hammes era filha de Francisco Hammes e Elisabeth Fuck.

[6.1.2]

Johann Hermann Dechering

(*29.08.1890 – †30.12.1891)

Johann Hermann nasceu no dia 29 de agosto de 1890. Foi batizado em São Bonifácio no dia 09 de novembro do mesmo ano pelo Padre Francisco Xavier Topp, sendo padrinhos Johann Leising e Theresia Fiefhaus. Ele faleceu com um ano e quatro meses de idade, no dia 30 de dezembro de 1891. Não se tem notícia a respeito da causa do falecimento.

[6.1.3]

Henrique Degering

(*24.08.1892 – †24.10.1974)

Henrique Degering nasceu no dia 24 de agosto de 1892. Foi batizado, sob o nome de Heinrich, na capela de São Bonifácio, no dia 09 de outubro de 1892 pelo Frei Xystus Meiwes O.F.M., sendo padrinhos os tios paternos Heinrich Dechering e Gertrudes Stange, residentes em Braço do Norte. No entanto, na impossibilidade comparecimento destes, foram então, substituídos por Johann Leising e Theresia Fiefhaus, os avós maternos, residentes em Santo Antônio.

Não há informações sobre sua infância. Sabe-se que frequentou a escola alemã em São Bonifácio, pois sabia ler e escrever com muita facilidade. Por isso, toda a sua formação era alemã. No tempo em que morou em Santo Antônio puxava as rezas do culto dominical e, mais tarde, morando em Santa Maria, assumiu também esta função na capela da comunidade local. Sendo o mais velho dentre os filhos homens, coube-lhe cedo ajudar os pais na lavoura e nos trabalhos de cuidado dos animais.

Com 23 anos de idade, Henrique casou-se com **Helena Lehmkuhl**[1] (*11.09.1891 – †17.12.1934) no dia 21 de junho de 1915, na igreja matriz de Teresópolis, sendo testemunhas José Lehmkuhl e Bernardo Dechering. O jovem casal foi morar em Santo Antônio, mais precisamente na localidade denominada Rio Areia, no município de São Bonifácio. Desse casamento nasceram 7 filhos.

Ficando viúvo, casou-se com **Eleonora Sehnem**[2] (*25.05.1906 – †14.01.1940), natural de São Martinho. O casamento realizou-se em Vargem do Cedro no dia 7 de maio de 1936, sendo padrinhos José Carlos Sehnem e Germano Degering.[3] Eleonora já tinha um filho, de nome José Paulo,[4] e teve com Henrique mais 4 filhos. Com o nascimento do quarto filho, houve complicações no parto e Eleonora veio a falecer. A recém-nascida Lúcia tinha apenas 9 dias de vida quando faleceu a mãe e, por isso, ela foi entregue a Augusto Epping casado com Elisabeth Probst. Quando a menina foi entregue, havia poucas esperanças de sobrevivência, pois estava muito doente, com infecção generalizada pelo corpo. Mas, sobreviveu.

---

1 Helena Lehmkuhl era filha de Georg Lehmkuhl e Catharina Schürhoff, residentes em São Bonifácio.

2 Eleonora Sehnem era filha de Pedro Sehnem (*14.12.1872 – †25.10.1936) e Paulina Böing (*09.10.1883 – †22.07.1912).

3 A cerimônia religiosa realizou-se em Vargem do Cedro, mas a festa do casamento aconteceu na casa de Pedro Sehnem e Paulina Boeing, pais de Eleonora, que moravam na localidade de Canudos, São Martinho-SC.

4 José Paulo (*05.07.1933 – †01.05.2002) casou-se com Genoveva Backes. Informações orais dão conta de que o pai de José Paulo seria Samuel Heinzen que era namorado de Eleonora. Quando ele soube da gravidez da namorada, fugiu para a região de Ituporanga, conhecida naquela época como "Rio Abaixo", onde ele casou no dia 14.10.1933 com Laura Schroeder. Residia na localidade de Rio Batalha, no município de Ituporanga.

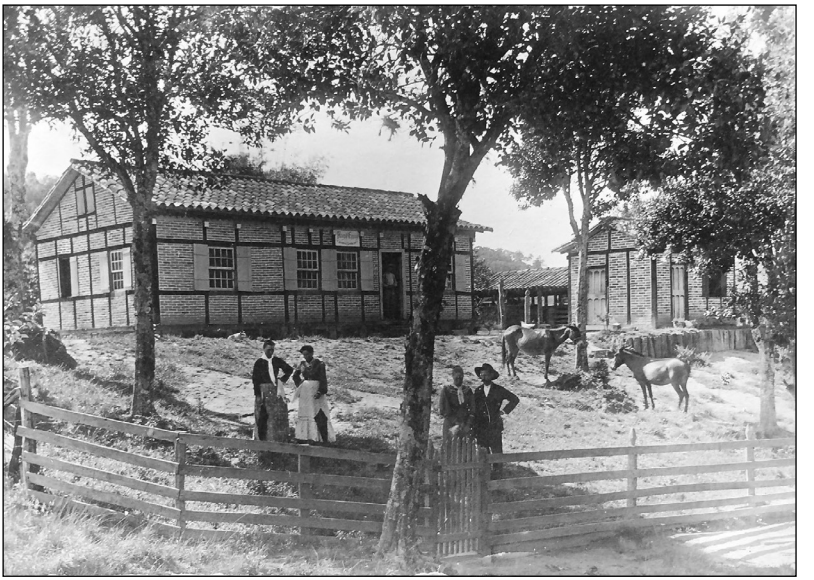
Nessa época, alguns irmãos da recém-falecida esposa Eleonora mudaram-se para Benedito Timbó, no lugar da ex-colônia de jovens chamada Heimat. Henrique vendeu sua terra em Santo Antônio e comprou também um terreno na comunidade de Heimat. Mas, nesse meio tempo, deu-se uma reviravolta nos rumos da vida de Henrique. A situação não era nada fácil. Viúvo, com grande número de crianças para criar, a melhor solução seria casar novamente. Por isso, no dia 26 de julho de 1940, ele casou-se com **Magdalena Epping**[5] (*03.05.1912 – †04.01.1995), irmã de Augusto Epping, que adotara há poucos meses a menina Lúcia. Com esse casamento surgiu a proposta de, em vez de se mudar para Heimat, Henrique assumiria os cuidados, até o fim da vida, do casal de idosos Augusto Guilherme Epping[6] e Guilhermina Catharina Buchner[7], que não tinha filhos e eram os tios de Magdalena. Esse casal tinha uma grande propriedade, com três colônias de terra e uma casa muito grande e bem construída. Henrique destinou então a propriedade em Heimat, a seu filho mais velho chamado Vendelino. Como ficara combinado, Henrique mudou-se para Santa Maria, mas, em vez de morar com os idosos Augusto e Guilhermina, construiu próximo à casa deles, uma residência própria. Efetivamente, Henrique assumiu os cuidados do casal e deles cuidou até o fim da vida. Como se percebe, a situação patrimonial de Henrique melhorou sensivelmente.

Tanto ele como os filhos eram muito caprichosos e trabalhadores. Mesmo não sendo mais muito novo, mas pensando no futuro dos filhos, decidiu começar vida nova em outro lugar mais pro-

5 Magdalena Epping era filha de Francisco Epping (*09.10.1870 – †20.10.1938) e de Bertha Buchner (*25.03.1872 – †05.02.1958).

6 Augusto Guilherme Epping (*28.08.1873 – †14.05.1950).

7 Wilhelmina Catharina Buchner (*15.03.1877 – †15.10.1956).



Residência de Augusto Epping e Guilhermina Catharina Buchner.

missor. Vendeu os bens em Santa Maria e mudou-se para Mercedes-PR aonde chegou, após sete dias de viagem, no dia 03 de maio de 1958. Mercedes era, naquela época, um pequeno povoado, e a região se constituía numa nova frente de colonização. A terra era muito fértil e ainda coberta de floresta virgem. Ali ele se estabeleceu com a terceira esposa e os filhos ainda solteiros. Nesse lugar ele morou até o fim da vida. Quando já idoso, era muito visitado pelos netos a quem ele lia histórias de livros ilustrados, muitos em alemão, mas traduzia as histórias para o português.

Henrique fumava desde a juventude. Talvez em consequência disso, contraiu câncer no pulmão, vindo a falecer no dia 24 de outubro de 1974. Foi sepultado no cemitério daquela cidade. A terceira esposa, Magdalena Epping acompanhou o filho mais novo, Huberto, ao Paraguai onde faleceu e está sepultada em San Alberto, Província de Alto Paraná/Paraguai.

Filhos:

Primeiro casamento:
Henrique Degering com Helena Lehmkuhl

Helena Lehmkuhl, Henrique Degering, Catarina, Maria e Vendelino (no colo).

1. **Maria** (*17.04.1916 – †04.10.1949), casada com Carlos Backes (*11.08.1907 – †06.03.1979), moraram sempre em Santo Antônio/São Bonifácio onde também faleceram e estão sepultados no cemitério da comunidade local.

2. **Catarina** (*26.12.1919 – †07.07.1986), casada com João Sehnem (*04.04.1914 – †28.12.1986), irmão de Eleonora. Foram morar em Benedito Novo e, em 1963, em Ibirama, na localidade de Rio Selin, onde faleceram e estão sepultados.

3. **Vendelino** (*14.10.1921 – †29.11.2010) casado com Almiranda Paternolli (*08.10.1924 – †01.01.2003). Morou primeiro em Doutor Pedrinho, na localidade de Heimat (hoje, Rio Lima). Mudou-se, mais tarde, para Taió, estabelecendo-se na localidade de Ribeirão do Ouro, onde faleceu e está sepultado.

4. **Leonardo** (*10.02.1924 – †07.07.1996) casado com Lidvina Buchner (*10.06.1925 – †30.12.1998), moraram em Santo Antônio/São Bonifácio.

5. **Raimundo** (*11.09.1926 – †16.06.2004), casado com Erna Boeing (*17.04.1927– †13.04.2009), foi morar em Mercedes-PR. Lá ambos faleceram e estão sepultados.

6. **Cecília** (*08.11.1929 – †14.10.2014) casou com Vergelino Rocha (*06.02.1927 – †30.08.2016). A família morou primeiramente em Santa Maria/São Bonifácio. Em 1970 mudou-se para Palhoça e, ultimamente, fixou residência em Campinas/São José-SC.

7. **Lidvina** (*22.04.1932 – †13.07.1988) casou no dia 27.01.1951 com Irineu Tomás Marcelino (*28.02.1931 – †16.08.2002. Morou durante muitos anos em Santa Maria/São Bonifácio. Nos últimos anos de vida morou em Palhoça-SC.

Segundo casamento:
Henrique Degering com Eleonora Sehnem

Em pé: Leonardo, Cecília, José (filho de Eleonora) e Raimundo.
Sentados: Martinus, Paulina, Lidvina, Ana (no colo), Lúcia e Simão.

8. **Martinus** (batizado como Bertino e conhecido como Martinho) (*12.02.1937 – †15.10.1999), casou com Marcelina Schmoeller (*16.08.1941 – †26.09.1986) em fevereiro de 1958. Ficando viúvo casou, em segundas núpcias, com Sidemar Schmoeller (*08.11.1945 – †03.05.1998) no dia 20.02.1988. Morou sempre em Santa Maria/São Bonifácio, perto da ponte sobre o rio Capivari, margem esquerda.

9. **Simão** (*23.01.1938 – †11.07.2013), casado com Irene Schneider (*03.08.1944), mudou-se para Mercedes-PR. Ele faleceu em Mercedes e ali foi sepultado.

10. **Paulina** (*16.01.1939), casada com Augusto Largura (*12.11.1941 – †02.05.2022). A família morou primeiro em Mercedes, no Paraná. Mais tarde, em 1980, foi morar em Rondônia. Em 1987, estabeleceu-se na localidade de Seringueiras.

11. **Lúcia** (*05.01.1940), casada com Gregório Tomás Marcelino (*16.02.1939 – †22.06.2016), mora em Palhoça-SC.

Terceiro casamento: Henrique Degering com Magdalena Epping

12. **Ana** (*12.01.1942), casada com Quirino Mönster (*28.09.1940 – †17.08.1991), foram morar em Guaíra-PR.

13. **Sebastião** (*15.10.1944 – †26.06.1963), morreu solteiro (em Mercedes) atingido por uma árvore, na derrubada de mato. Foi ainda levado em vida ao hospital, mas não resistiu aos ferimentos. Está sepultado no cemitério de Mercedes-PR.

14. **Bruno** (*06.04.1947), casado com Valdira Kock (*02.07.1946). Moram em Palhoça-SC.

15. **Berta** (*17.12.1948), casada com Vendolino Heerdt (*15.05.1943), Residência Mercedes-PR.

16. **Ágatha** (*17.09.1951), casada com Lindomar Backes (*17.06.1949), moram em Medianeira-PR.

17. **Huberto** (*10.11.1953), casado com Ana Pickler (*21.11.1955). Residência: Mercedes-PR.

18. **Terezinha** (*01.12.1955 – †01.12.1955) faleceu três horas após o nascimento e foi batizada pela parteira. Foi sepultada em Santa Maria/São Bonifácio-SC.

Esquerda para direita: Carlos Epping, Augusto Epping, Fernando Mönster, Catarina Epping e Magdalena Epping (terceira esposa de Henrique Degering).

[6.1.4]

Joaquina Degering

(*13.7.1894 –†28.7.1977)

Joaquina nasceu em São Bonifácio no dia 13 de julho de 1894. Foi batizada por Frei Xystus Meiwes no dia 26 de agosto de 1894 sendo padrinhos João Leising e Joaquina Schneider[1]. Passou sua infância e juventude na casa paterna, trabalhando na lavoura. Ela frequentou pouco a escola, pois tinha dificuldade muito grande na leitura e escrita. Também não aprendeu a falar o português. Casou-se na igreja de Santo Antônio (Grummelbach), no dia 09 de outubro de 1915 com **Henrique Dirksen** (*02.07.1888 – †15.10.1970). A cerimônia, presidida pelo padre Augusto Schwirling, teve como testemunhas Pedro Dirksen e Bernardo Dechering. Após o casamento foi morar numa pequena casa que Henrique havia construído em terreno da propriedade de seu pai, perto do rio Capivari, onde se dedicou ao trabalho na lavoura, tirando da terra o suficiente para a sobrevivência. O terreno era muito acidentado e pouco produtivo. Por isso, o casal Joaquina e Henrique, quando já tinham cinco filhos, resolveram tomar outro

1 Joaquina (*16.11.1857) era filha de Karl Schneider e Juliane Dietz. Ela nasceu ainda na Alemanha onde recebeu o nome de Hulda. Ao chegar no Brasil em 1860, a família, embora evangélica, levou a menina à Igreja Católica onde foi batizada, recebendo o nome de Joaquina.

rumo, adquirindo terra própria em Rio São João/São Martinho, na localidade denominada Canudos, para onde se mudaram em janeiro de 1924. Neste terreno, adquirido de Germano Dirksen casado com Francisca Degering, irmã de Joaquina, havia uma casa de pau-a-pique coberta de palha com uma sala e dois quartos e, anexo, uma cozinha fechada com ripas de palmito. A maior parte do lote colonial, de 106.198 braças quadradas (51,4 hectares), estava coberto de floresta.[2]

Joaquina Degering e Henrique Dirksen.

2 A terra que Joaquina e Henrique compraram fazia parte de uma área maior, de 836.706 braças quadradas (405 hectares) pertencente a Henrique Hoepers e Hermann Böing que a haviam adquirido da Companhia Colonizadora Grão Pará (Lote 43, Secção K, Distrito 3). Esta área tinha como extremas: "Norte com terras da Colônia, pelo Oeste com a margem direita do rio Capivary, pelo sul com as terras de Felippe Arns, pelo Oeste com as terras de João Rieg, Jacob Rech, Isaac Lemoniens, Bernard Effting, Werner Schotten. A linha limítrofe do lado Norte era formada por prolongação da mesma limítrofe das terras de Werner Schotten que corre rumo leste até o rio Capivary" – Data do documento: 20.04.1897.

Quando menos esperavam, o sofrimento bateu na porta de Joaquina e Henrique. Catarina (*01.07.1920 – †28.12.1929), a terceira filha do casal, havia ficado em Santo Antônio, na casa de Eduardo, irmão de Henrique casado com Elisabeth irmã de Joaquina, para cuidar das crianças do casal. Com nove anos de idade, Catarina adoeceu subitamente. Nunca se soube ao certo de que doença foi acometida. Supostamente teria tido um berne, na testa acima do olho. Não sendo devidamente medicada, em parte por falta de recursos disponíveis naquela época e, em parte, por desleixo dos tutores, o berne teria causado uma infecção e provocado tétano. Antônio Sehnem, que morava com a família de Bernard *Hermann* Dirksen, foi a cavalo avisar Joaquina e Henrique sobre o estado de saúde da menina. Era véspera de Natal. Joaquina foi então imediatamente a Santo Antônio, levando no colo o filhinho Lourenço, com dois anos de idade. Durante a viagem Antônio Sehnem preveniu Joaquina sobre o grave estado de saúde da menina, alertando-a de que filhinha talvez não a reconheceria mais. Quando a mãe chegou junto à enferma, esta já estava agonizando. Mesmo assim, ainda teria conseguido pronunciar o nome "mamma". Padre Augusto Schwirling a confortou com os Santos Sacramentos da Unção dos Enfermos e da Eucaristia, pois ela ainda não havia feito a primeira comunhão. Catarina faleceu no dia 28 de dezembro de 1929 e está sepultada no cemitério de Santo Antônio/São Bonifácio.[3]

A casa de pau-a-pique coberta de palha já era bastante antiga e ameaçava cair. Além disso, com o aumento do número de filhos, tornara-se pequena. Então a família decidiu construir outra, de tijolos. Foi pelo ano de 1928. O trabalho foi penoso e demorado.

3 Catarina nunca fora contemplada com um túmulo. Na sua sepultura havia apenas uma cruz, sem nome. Por isso, eu decidi homenageá-la com um túmulo, ainda que simples, feito de granito, em 2002.

Todo o material de construção foi feito ali mesmo com a ajuda dos filhos já crescidos e de um agregado de nome Fernando Posidônio, que morava no terreno da família. Para a fabricação dos tijolos foi montada pequena olaria. Apenas as telhas foram compradas e transportadas em cargueiros, de uma olaria situada uns 10 quilômetros. Joaquina contou-me que fez inúmeras viagens para buscar as telhas por um precário caminho, morro acima e morro abaixo. Para as tábuas e os vigamentos foram cortadas árvores no mato que, no mesmo local, foram falquejadas e serradas a braço. O trabalho contou com a prestimosa ajuda do vizinho Pedro Sehnem e seus filhos. Após algum tempo, quando a madeira já estava seca, Henrique transformou-a em portas, janelas, forro, assoalho. Todo o trabalho de plaina e encantilhamento foi feito à mão. Foram meses e anos de trabalho. Henrique, além de exímio marceneiro e carpinteiro, era excelente pedreiro, pois construiu com muita habilidade e com fino acabamento a casa de tijolos à vista. Embora ainda não totalmente pronta, a casa foi inaugurada em 1930 quando nela nasceu a filha Olívia no dia 15 de setembro. Durante muitos anos a casa foi considerada a mais bonita e original de toda a redondeza. Foi demolida em 1982 para dar lugar a uma nova residência.

Gradativamente os filhos e filhas de Joaquina e Henrique foram casando e tomando rumo próprio. A principal fonte de renda continuava sendo sempre a lavoura. Plantava-se de tudo para a subsistência e o excedente, quando havia, era levando à venda para obter uns trocados em dinheiro utilizado para adquirir as coisas básicas para a casa. Não se passava fome, mas para os padrões atuais, levava-se uma vida pobre: sem energia elétrica, sem água encanada, sem condução, etc.

Quando menos se esperava, a doença bateu novamente à porta. Em 1949 Joaquina contraiu uma infecção no pé, provavelmente

uma osteomielite.[4] Como não havia recursos médicos à disposição e muito menos dinheiro para fazer um tratamento hospitalar, a infecção tomou tamanhas proporções que a deixou com um pé parcialmente aleijado. Foram anos de muito sofrimento para ela e de muita preocupação para toda a família. Esse sofrimento a acompanhou até o fim da vida e que talvez foi também a causa da morte: uma trombose na perna do pé machucado.

Da esquerda para a direita: Luiza, Olinda, Joaquina (com o pé machucado em cima de um travesseiro), Albertina e Olívia.

Joaquina era uma pessoa muito devota. Sendo associada do Apostolado da Oração, nunca faltava à reza na primeira sexta-feira do mês. Apesar da dificuldade para caminhar, fazia o percurso de 3.5 quilômetros a pé até a igreja. Não se esquecia de

4 Joaquina foi à inauguração do hospital em Braço do Norte e nessa ocasião usou sapatos muito apertados que provocaram debaixo de um dos pés um hematoma que infeccionou e se transformou numa osteomielite.

levar, amarrado na ponta de um lenço, uma moeda para fazer sua oferta. A recordação que dela se tem é que era uma pessoa de alma bondosa e generosa. Por isso, ela recebia sempre muita visita aos domingos e em dias de comemoração especial como o aniversário.

Joaquina nunca cortou os cabelos. Enrolava-os e prendia-os com grampos formando um coque. No dia a dia, usava sempre um lenço branco na cabeça.

Henrique partiu primeiro. Idoso e debilitado, faleceu aos 82 anos de idade, no dia 15 de outubro de 1970. Joaquina, viveu mais alguns anos, vindo a falecer no dia 28 de julho de 1977. Ambos estão sepultados no cemitério de Rio São João, no município de São Martinho.

Filhos de Joaquina Deggering e Henrique Dirksen

1. **Inácio** (*04.04.1917 – †30.01.1984), casado com Maria Rech[5] (*03.05.1922 – †20.12.2005): Filhos: Celestino (*04.06.1945 – †22.11.2004), Dário (*23.06.1951 – †18.11.2011) e Valéria (*26.02.1962). Residia em Santa Maria/São Bonifácio.

2. **Cecília** (*20.08.1918 – †07.02.2011) casada com Roberto Constantino da Silva[6] (*03.03.1922 – †16.06.1958) [1º casamento] e José Fóss (*19.10.1903 – †30.12.1992) [2º casamento]. Filhos do 1º casamento: Edu (*16.06.1944 – †02.04.2010), Norma (*25.10.1946), Evani (*21.01.1949 – †04.04.2020), Elmo

5 Maria Rech era filha de Cristiano Rech (*02.06.1894) e Ana Herdt (*03.03.1898).

6 Roberto Constantino da Silva nasceu em Anitápolis e era filho de José Constantino da Silva e Joana Schmidt.

(*25.04.1953 – †10.11.2015) e Nelson (*03.03.1956). Residia na localidade de Deputado José Afonso, em Paranavaí.

3. **Catarina** (*01.07.1920 – †28.12.1929). Está sepultada em Santo Antônio/São Bonifácio.

4. **Chrysantus** (*16.01.1922 – †05.06.1988). Casado com Olívia Warsneski (*18.10.1925 – †08.09.2006). Filhos: Seleni (*29.10.1951), Madalena (*05.09.1953 – †01.10.2009), José (*14.03.1955), Irma (*12.12.1956), Volney (*16.08.1959) e Norma (*22.11.1962). Residia em Rio Gabiroba/São Martinho.

5. **Luiza** (*22.10.1923 – †03.12.1987) casada com Alberto Boeing[7] (*11.11.1889 – †05.01.1975). Filhos: Carlos Alberto (*02.03.1958), Udo (*28.02.1960) e Valéria (*15.06.1961). Residia em Anitápolis-SC. Ambos estão sepultados em Armazém-SC.

6. **Raimundo** (*11.09.1925 – †13.07.2020) casado com Maria Schmoeller (*23.06.1926 – †22.10.2007). Filhos: Sérgio (*16.11.1954), Egon (*22.08.1956 – †28.02.2020), Edu (*03.08.1958 – †02.06.1961), Alice (*17.08.1960), Everet (*04.06.1963), Odete (*11.01.1966) e Milton (*11.03.1969). Residia em Rio Gabiroba/São Martinho.

7. **Lourenço** (*10.11.1927 – †16.11.1993) casado com Hildegard Effting (*05.07.1938). Filhos: Wilson (*05.01.1959), Genésio (*10.09.1960) e Ledineia (*06.08.1970). Residia em Rio Gabiroba/São Martinho.

8. **Olívia** (*15.09.1930 – †13.09.2016) casada com José Luchtenberg (*08.04.1928 – †05.06.1995) Filhos: Bertilo (*03.04.1954 – †30.04.2013), Valério (*08.09.1955), Doralice (*12.06.1957), Danilo (*27.11.1958 – †08.08.1997), Blévio (*22.05.1960), Odete (*08.09.1961), Carmelita (*24.04.1963), Dolores (*21.06.0964

7 Alberto Boeing era filho de Bernardo Boeing e Augusta Feuser.

– †20.02.2016), Valdemar (*15.04.1966), Maria de Lourdes (*28.02.1968), Edegar (*02.01.1970) e Alencar (*10.01.1976). Morava em Nova Esperança do Sudoeste-PR. Olívia e José foram sepultados no cemitério de Alto Bela Vista, município de Dois Vizinhos-PR.

9. **Albertina** (*21.10.1933 – †29.12.2020) casada com José Schneider (*09.08.1936 – †06.09.2002). Filhos: Alzira (*25.05.1962), Olinda (*19.01.1964), Gilmar (*11.09.1965), Sílvia (*27.04.1969), Valério (*07.04.1973) e Rosevânia (*08.12.1975).

10. **Olinda** (*09.05.1936) casada com Vital Marchi (*15.09.1933 – †18.09.2015). Filho: Luciano (*04.02.1970). Residia em Rio São João/São Martinho-SC.

11. **Valberto** (*13.04.1941). Maria Dulce Clasen (*26.10.1944 – †06.12.2006), depois, Ivone da Costa Tonon (*11.02.1947). Mora em Florianópolis-SC.

[6.1.5]

Bernardo Dechering

(*27.08.1896 – †14.10.1949)

Bernardo Dechering nasceu em São Bonifácio no dia 27 de agosto de 1896. Foi batizado no dia 01 de novembro do mesmo ano, sendo padrinhos o avô Bernardo Dechering e a senhora Thereza Wassing. Celebrante foi o padre franciscano Frei Xystus Meiwes OFM.

Não se tem informações sobre a infância e juventude de Bernardo. Frequentou certamente a escola em São Bonifácio. Participava também, aos domingos e dias santos, da cerimônia religiosa na igreja local. Esse encontro dominical se constituía também em momento de encontro social, uma vez que, durante a semana, vivia ocupado com os trabalhos rotineiros da roça e serviços domésticos, sobretudo a lida com o gado.

Na virada do século 19 para o século 20, ou seja, em torno de 1890 a 1910, muitas famílias mudaram-se para a região do atual município de Rio Fortuna onde estavam sendo vendidos os lotes da Empresa Colonizadora Grão Pará. Entre outras famílias, também a família Röcker estabeleceu-se lá. As famílias de São

Bonifácio e de Rio Fortuna se conheciam e se visitavam com certa frequência. Entre muitas delas havia parentesco e compadrio. Não se sabe em que circunstância Bernardo encontrou sua futura esposa em Rio Fortuna. Com 21 anos de idade, casou-se, no dia 30 de maio de 1917, com **Thereza Röcker** (*10.06.1893 – †17.02.1969), filha de Heinrich Röcker e Elisabeth Feldhaus. A cerimônia religiosa realizou-se durante a missa das 8 horas na Igreja Matriz de Teresópolis, tendo como celebrante o Padre Augusto Schwirling e como testemunhas Bernardo Backes e Antônio Degering. A festa familiar teve lugar em São Bonifácio, na casa dos pais de Bernardo. Thereza Röcker era irmã de Teodoro Röcker, casado com Catarina Dirksen, filha de Eduardo Dirksen que morava em Rio Fortuna. Mais tarde, Teodoro Röcker mudou-se para Urubici onde residem alguns de seus descendentes.

A jovem família morou alguns anos em São Bonifácio onde nasceram os seis filhos mais velhos. Como naquela época as famílias eram de prole numerosa e a terra era pouca para abrigar todas as famílias novas, o jeito era sair em busca de oportunidade em outro lugar, nas novas frentes de colonização. Nos anos de 1925 a 1928, por incentivo do Padre Augusto Schwirling, deu-se um movimento migratório para o Alto Vale do Itajaí Mirim, mais precisamente para a região do atual município de Vidal Ramos, conhecido naquela época como "Nova Brusque" ou, como se dizia em alemão "Brusquewald" (Mato de Brusque). Padre Schwirling, que se preocupava com o futuro das novas famílias, direcionou muitas famílias para aquela região. Estabeleceram-se lá diversas famílias de São Bonifácio e de Santo Antônio. Entre elas citam-se as famílias Merten, Mafra, Petri, Buss, Weber, e outras. Também Bernardo Dechering e Thereza Röcker decidiram

mudar-se para lá.[1] Foi no ano de 1928. Primeiro estabeleceram-se na localidade de Rio dos Corvos/Corticeira onde permaneceram um ou dois anos. Em seguida moraram alguns anos no Molungú, um vale formado pelo afluente do rio Itajaí Mirim. Era por esse vale que os imigrantes do Capivari chegavam àquela região. Mais tarde, mudaram-se para a outra extremidade do atual município de Vidal Ramos, adquirindo 50 alqueires de terra na localidade de Santa Luíza. A localidade situa-se num vale estreito ladeado de escarpados peraus. Não contente com esta propriedade, comprou outro terreno na localidade de Rio das Pacas, no alto da serra. A terra era mais plana, mas o solo era considerado fraco para a cultura do milho. Desgostoso com aquela propriedade, voltou a adquirir, após um ano, nova propriedade na localidade de Alto Santa Luiza. Era uma área de 62 hectares. Parte do terreno era de peraus, mas boa parte situava-se em cima dos peraus e era mais plano e, por isso, mais fácil de trabalhar. Bernardo estabeleceu moradia na parte baixa do terreno, na encosta do perau, onde morou até o fim da vida e ali, tanto em Santa Luiza como em Alto Santa Luiza, ainda moram alguns dos seus descendentes.

A principal atividade econômica da família era a agricultura. Plantava-se principalmente milho com o qual eram engordados porcos e vendidos para a Firma Stoltenberg. Bernardo tinha também atafona, engenho de açúcar e alambique. O produto (açúcar, melado e aguardente) era vendido em Vidal Ramos ou à Firma Stoltenberg. A região era também muito rica em madeira de lei (canela e peroba). Os filhos de Bernardo extraíam toras do mato que eram transformados em tábuas na serraria de Jacó Küsters e

1 Bernardo Merten, casado com Carolina Dirksen e João Mafra, casado com Maria Dirksen eram cunhados de Bernardo Dechering, pois três irmãs de Bernardo haviam se casado com três irmãos da família Dirksen.

Norberto de Souza e depois vendidos à Firma Stoltenberg. Faziam também, às vezes, frete para a Firma Stoltenberg, transportando mercadorias até o Ribeirão do Ouro. Bernardo trouxe, de Ribeirão do Ouro, algumas cargas de telhas para a primeira Igreja Matriz de Vidal Ramos, construída por volta de 1945.

Bernardo faleceu, vítima de câncer, no dia 14 de outubro de 1949 e está sepultado no cemitério municipal de Vidal Ramos. Thereza acompanhou o filho Adolfo para o Paraná, estabelecendo-se no município de Nova Prata do Iguaçú, na localidade de Linha Boa Vista. Lá ela faleceu no dia17.02.1969, vítima de câncer. Foi sepultada no cemitério da comunidade de Santa Cruz.

Filhos de Bernardo Dechering e Thereza Röcker

1. **Augusto** (*19.07.1918 – †13.04.1994). Nasceu no Capivari/São Bonifácio. Casou-se com Rosalina Weber (*11.03.1921 – †12.04.1978), em Vidal Ramos, no dia 25.11.1939 (civil). A família morou sempre em Vidal Ramos.

2. **Adolfo** (*19.06.1920 – †30.08.1999). Nasceu no Capivari/São Bonifácio. Casou-se com Ana Cogniac (*07.04.1929), em Vidal Ramos, no dia 24.11.1947 (civil). Em 1961 a família mudou-se para Nova Prata do Iguaçú-PR onde trabalhavam na lavoura. Ultimamente morava em Santa Isabel do Oeste, onde faleceu e foi sepultado. A esposa Ana Cogniac reside em Vitor Meireles-SC.

3. **Verônica** (*19.06.1920 – †12.10.1988). Nasceu no Capivari/São Bonifácio. Casou-se com Henrique Augusto Schmitz (*24.08.1911 – †26.08.1969), em Vidal Ramos, no dia 26.03.1938 (civil). Residência: Vidal Ramos. Henrique Augusto faleceu no

hospital de Azambuja e foi sepultado no cemitério católico de Brusque.

4. **Paulina** (*27.12.1922 – †28.12.1976). Nasceu no Capivari/São Bonifácio. Casou-se primeiro com Leonardo Backes, de quem se separou, casando-se com Carlos Graf, com quem teve um filho chamado Santo Antônio Dechering. Faleceu de câncer no seio e está sepultada no cemitério de Santa Cruz, em Nova Prata do Iguaçú, Paraná.

5. **Francisco** (*07.07.1925 – †25.04.1994). Nasceu no Capivari/São Bonifácio. Casou-se com Alvina Küsters (*10.06.1927 – †09.06.2004). Residia em Santa Luiza/Vidal Ramos-SC.

6. Aloísio (*15.06.1927 – †02.09.1984). Nasceu no Capivari/São Bonifácio. Casou-se com Benta da Silva (*17.11.1916 – †02.04.2016. Por volta de 1965, Aloísio mudou-se com a família para Nova Prata do Iguaçú, onde faleceu e foi sepultado. Em seguida a esposa Benta da Silva acompanhou a filha que se mudou para Colombo-PR. Lá ela faleceu e foi sepultada e para lá foram transferidos também os restos mortais do marido Aloísio.

7. Felipe (*13.03.1929 – †29.09.2009). Casou-se no dia 29.07.1952 (civil) com Maria Camila de Souza (*19.08.1935 – †11.11.1961). Ela faleceu em Vidal Ramos. Em seguida ele contraiu segundas núpcias com Inês da Silva. Como um de seus irmãos já morasse em Nova Prata do Iguaçú, ele resolveu mudar-se também para lá. Mais tarde estabeleceu-se em Santa Isabel do Oeste-PR, onde faleceu e está sepultado.

8. Germano (*31.07.1931 – †01.04.2005). Casado com Maria Mafra (*12.04.1933 – †09.08.2015). Residiu em Vidal Ramos até 1993 quando se mudou para Joinville-SC onde faleceu e está sepultado.

9. Artur (*19.11.1935 – †07.05.2009) casado com Catarina Küsters (*02.02.1940 – †24.05.1983). Residia em Santa Luiza/ Vidal Ramos.

10. Pedro (*04.06.1936 – †18.01.2010), casou-se com Catarina Albino. Por volta de 1965 mudou-se para Nova Prata do Iguaçú, no sudoeste do Paraná, onde adquiriu uma propriedade e trabalhava na lavoura. Lá, Pedro separou-se legalmente de sua esposa, mas continuou vivendo com ela até o fim da vida. Ele faleceu em Nova Prata do Iguaçú e está sepultado no cemitério daquela cidade.

[6.1.6]

Isabel Degering

(*01.10.1898 – †15.09.1979)

Isabel Degering nasceu em São Bonifácio no dia 01 de outubro de 1898. Foi batizada no dia 16.10.1898, em São Bonifácio, por Frei Xystus Meiwes OFM, sendo padrinhos Henrique Philippi e Elisabeth Degering.[1] Por isso, Isabel era conhecida popularmente na versão alemã do nome, ou seja, Elisabeth.

Isabel passou a infância e a juventude com a família em São Bonifácio, trabalhando na lavoura e criação de gado. Encontrou seu futuro marido na comunidade vizinha de Santo Antônio, onde já moravam duas de suas irmãs, Francisca e Joaquina.

Casou-se no dia 24 de agosto de 1924 com **Eduardo Dirksen**, (*08.01.1900 – †27.08.1971), filho de Bernard Hermann Dirksen e Antonia Mönster. Vale lembrar que Eduardo era irmão de Germano e de Henrique Dirksen, o que significa que três irmãs

1 Henrique Philippi era casado com Francisca Elisabeth Degering, filha mais nova do imigrante Bernard Dechering. Isabel era, portanto, tia da afilhada. Era costume, naquela época, que a criança a ser batizada recebesse o mesmo nome do padrinho ou madrinha.

Degering casaram com três irmãos Dirksen. A família morou primeiro na margem esquerda do rio Capivari, na propriedade que era do irmão de Eduardo, Henrique Dirksen, que se mudara para Rio São João, no município de São Martinho. Mais tarde adquiriu uma propriedade no outro lado do rio, na margem direita, para onde se mudou e onde residiu até o fim da vida.

Isabel Degering e Eduardo Dirksen.

Isabel levou uma vida simples e modesta em meio a muitas dificuldades. Além do falecimento de dois de seus filhos com poucos dias de vida, deve ter ficado muito chocada com a morte da filha que se suicidou com 46 anos de idade. Supõe-se que ela sofria de depressão ou de algum outro problema mental.

Eduardo faleceu no dia 27 de agosto de 1971 e Isabel no dia 15 de setembro de 1979. Ambos estão sepultados no ce-

mitério da comunidade de Santo Antônio, no município de São Bonifácio.

Filhos de Isabel Degering e Eduardo Dirksen

1. **Sylvester** (*04.04.1926 – †16.03.1959) casado com Leopoldina Garcia (*24.10.1921 – †28.03.1987). Morou sempre em Santo Antônio/São Bonifácio.

2. **Olga** (*21.06.1927 – †26.07.2011) casada com Antônio Buss (*16.08.1920 – †06.11.1985). Morou sempre em Santo Antônio/São Bonifácio.

3. **Ignácio** *Vicentius* (*07.05.1929 – †28.05.2014) casado com Ida Buss (*08.07.1928 – †23.08.2011). Morou sempre em Santo Antônio/São Bonifácio.

4. **Norberto** (*04.11.1930 – †15.11.1930). Viveu poucos dias.

5. **Albertina** (*02.02.1932 – †13.04.1978). Não casou.

6. **Appolônia** (*18.09.1933 – †26.05.2012) casada com Simão Buss (*17.12.1933 – †24.09.2007). Residiu sempre em Santo Antônio/São Bonifácio.

7. **José** (*20.08.1934 – †28.08.1934). Viveu poucos dias.

8. **Nilza** (*18.12.1936 – †25.05.2018) casada com Isidoro Leysing (*01.11.1934).

9. **Basílio** (*10.04.1941 – †29.06.2014) casado com Maria Haveroth (*17.06.1942 – †18.02.2008). Residiu sempre em Santo Antônio/São Bonifácio.

[6.1.7]

Antônio Degering

(*10.04.1900 – †25 12.1968)

Antônio Degering nasceu em São Bonifácio no dia 10 de abril de 1901. Dois dias mais tarde, encontrando-se na comunidade o cura de Teresópolis, no dia 12 de abril do mesmo ano, o Pe. Frei Xysto Meiwes batizou Antônio, sendo padrinhos Antônio Schmoeller e Francisca Schmoeller. Casou-se em 1924 com **Paulina Kock** (*02.01.1905 – †26.08.1979).

Nos primeiros anos após o casamento, Antônio morou, por algum tempo, um pouco acima da cidade de São Bonifácio, numa casa de enxaimel que ainda existe à beira da rodovia. A seguir, foi morar na localidade de Rio Bloemer. De lá, mudou-se para a localidade de Rio Buss, uns três quilômetros distante da rodovia. E, por fim, foi morar em Rio Atafona. Em, pelo menos, três desses lugares, Antônio trabalhou como serrador ou outros serviços em serrarias.

Antônio levou sempre, com sua família, uma vida muito simples, modesta e discreta. Além do trabalho em serrarias, acompa-

nhava também, quando possível, a esposa e os filhos no trabalho da roça e no cuidado com a criação de animais.

Paulina Kock e Antônio Degering.

Antônio faleceu em São Bonifácio no dia 25 de dezembro de 1968. Paulina viveu mais alguns anos, vindo a falecer no dia 26 de agosto de 1979. Ambos encontram-se sepultados no cemitério desta cidade.

Filhos de Antônio Degering e Paulina Kock

1. Jacob Degering (*13.04.1925 – †08.12.1997), casado com Tecla Rohling (*23.08.1929). Morou sempre na localidade de Rio Buss, em São Bonifácio.

2. **Joaquina Degering** (*20.08.1926 – †23.01.2002), casada com Firmino Steffen (*01.04.1916 – †03.07.1999). Residia em São Bonifácio.

3. **Francisco Degering** (*10.07.1930 – †11.12.2002), casado com Maria Rohling (*14.09.1926 – †19.08.1997). Residia na Localidade de Rio Buss/São Bonifácio.

4. **Maria Degering** (*01.04.1936). Faleceu criança.

5. **Ilsa Degering** (*01.10.1939 – †14.03.2013), casada com Albertino Conrado Lüdke (*11.11.1935). Residência: Alto São Bonifácio.

[6.1.8]

Catarina Degering

(*29.08.1903 – †08.01.1994)

Catarina Degering nasceu no dia 29 de agosto de 1903. Foi batizada pelo Frei Humilis Thiele OFM, na capela de São Bonifácio do Capivari, no dia 11 de outubro de 1903, sendo padrinhos Walter Buss e sua esposa Elisabeth Vanderlinde. Casou no dia 26.05.1923 com **João Buss**[1] (*29.03.1903 – †24.05.1968). Morou sempre em São Bonifácio, perto da ponte sobre o Rio Capivari. A antiga casa, de tijolos à vista, ainda existe, embora tenha sofrido algumas modificações que danificaram as características originais.

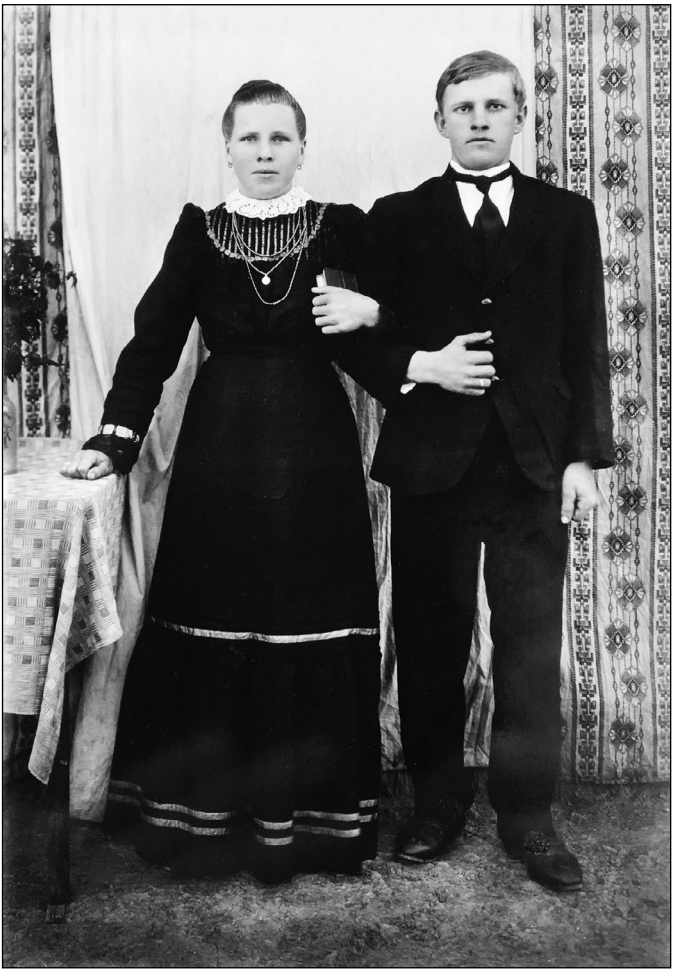
A família sempre se dedicou à agricultura e à criação de gado. Levava, para os padrões da época, um razoável nível de vida e bem-estar material.

Catarina era muito bonita, vestia-se com elegância e sabia arrumar-se bem. Era de índole muito boa e generosa. Quando já

1 João Buss era filho de Heinrich Buss e Ana Exterkoetter. João Buss era irmão de Augusto Buss, casado com Elisabeth Dirksen.

idosa, sua característica era o lenço branco na cabeça como, aliás, era o costume das mulheres de origem alemã naquela época.

João Buss faleceu no dia 24 de maio de 1968 e Catarina no dia 08 de janeiro de 1994. Ambos estão sepultados no cemitério de São Bonifácio.



Catarina Degering e João Buss, com traje de casamento. 1924.

Filhos de Catarina Degering e João Buss

1. **Rosalina** (*03.05.1924 – †13.04.1981), casada com Alberto Rohling (*15.01.1921 – †11.09.2006). Residia em São Bonifácio onde também faleceu e está sepultada. Após o falecimento de Rosalina, Alberto Rohling casou em segundas núpcias com Ana Dilsa M. Berkenbrock (*03.05.1932), mudando-se para Armazém-SC. Depois retornou para São Bonifácio, residindo com sua filha Lúcia, onde faleceu e está sepultado.

2. **Aloísio** (*04.03.1927 – †10.09.1979), casado com Paulina Petry (*18-03-1928 – †03.08.2003). Residia em São Bonifácio onde também faleceu e está sepultado.

3. **José** (*01.04.1931 – †26.05.2013), casado com Alvina Lehmkuhl (*06.01.1931 – †05.07.2014). Residia em São Bonifácio, na casa onde moravam os pais, ou seja, João Buss e Catarina Degering. Faleceu em São Bonifácio e está sepultado no cemitério municipal desta cidade.

4. **Germano** (*01.10.1933 – †15.09.1973), casado com Bernardina Lehmkuhl (*30.09.1934). Residia em São Bonifácio onde também faleceu e está sepultado.

[6.1.9]

João Degering

(*01.11.1905 – †29.09.1976)

João Degering nasceu em São Bonifácio no dia 01 de novembro de 1905. Foi batizado na igreja de São Bonifácio no dia 03 de janeiro de 1906, sendo padrinhos João Rohling e Maria Rohling Schmoeller. Passou a infância e a juventude em casa dos pais. Teve a oportunidade de frequentar a escola. Casou-se no dia 23 de agosto de 1926 com **Tereza Haverroth** (*06.10.1907 – †23.10.1982), filha de João Haverroth e Catarina Rohling.

João dedicou-se sempre ao serviço da lavoura. Plantava milho, feijão, batata inglesa que, em parte, eram destinados ao comércio. Plantou também, durante muitos anos, tabaco que era entregue à Companhia Souza Cruz. Graças à boa qualidade da terra, mas sobretudo ao capricho, João fornecia sempre produto de excelente qualidade, valendo-lhe, inclusive, numa safra, um prêmio pelo melhor fumo entregue à Companhia. O prêmio consistiu numa medalha de ouro que, mais tarde, ao ser cedida para uma exposição, foi roubada durante o evento e nunca mais recuperada.

Todavia, a principal fonte de renda era a criação de porcos que, engordados, eram vendidos à fábrica de banha de Lindolfo Roesner, situada uns dois quilômetros abaixo de São Bonifácio. O prédio da fábrica ainda se encontra, abandonado em ruínas, à beira da estrada. Naquela época, o principal trato para engordar porcos era a batata doce. Por isso, João a cultivava em grandes extensões. A batata era cozinhada num tacho de ferro ao anoitecer e, no outro dia, servida em grande quantidade aos porcos.

João Degering e Tereza Haverroth.

João Degering era um homem muito religioso, sempre presente na igreja, participando da diretoria. Fato notório é que, quando Padre Giesberts era vigário de São Bonifácio, as celebrações eram muito solenes, especialmente na Semana Santa. Na Quinta-feira Santa, num momento da celebração, enquanto o padre oficiava na frente do altar, João Degering ficava atrás do altar e cantava, em voz solene e profunda o hino, em alemão, *Düster*

sank der Abend nieder... O povo ficava impressionado e comovido com a celebração, principalmente por causa da voz grave de João que saía detrás do altar.

João sempre se sentiu muito feliz com o filho Albino que ingressou na Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus. Visitou-o uma vez enquanto era estudante em Corupá e, mais tarde, foi a Taubaté para assistir a ordenação sacerdotal. Nesta viagem, João foi acompanhado de seu irmão Germano, que era padrinho de batismo de Padre Albino.

João faleceu no Hospital de Caridade, em Florianópolis, no dia 29 de setembro de 1976 e está sepultado no cemitério de São Bonifácio ao lado de sua esposa Tereza Haverroth, que faleceu alguns anos mais tarde, no dia 23 de outubro de 1982.

Filhos de João Degering e Tereza Haverroth

1. **Maria** (*12.08.1928 – †20.06.1931).

2. **José** (*17.03.1930 – †28.11.2002), casou no dia 27.12.1952 com Áurea Scharf (*11.06.1933 – †25.06.2020). Residiu sempre em São Bonifácio.

3. **Albinus** (*20.04.1933 – †23.12.2021). Sacerdote da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus. Foi ordenado em Taubaté no dia 17.12.1960. Deixou a Congregação e passou para o clero diocesano. Exerceu, durante muitos anos, seu ministério em Ribeirão Vermelho (MG) onde faleceu e foi sepultado.

4. **Catharina** (*29.05.1935 – †21.02.2019), casada com Marcolino Rohling (*11.04.1935 – †14.05.1999). Residia em São Bonifácio.

5. **Lindolfo** (*21.12.1937 – †08.01.1938).

6. **Jerônymo** (*06.07.1939 – †25.03.2016), casado com Regina Steffen (*08.07.1941 – †14.06.2019). Residia em São Bonifácio.

7. **Bernardete** (*02.09.1942 – †06.09.2016), casada com Antônio Kraus (*25.09.1942 – †09.12.2021). Residia em São Bonifácio.

8. **Bruno João** (*29.02.1948), casado com Anita Steffen (*09.04.1949). Bruno é diácono permanente ordenado. Preside cultos, casamentos, batizados e funerais. Reside na cidade de São Bonifácio.

[6.1.10]

Germano Degering

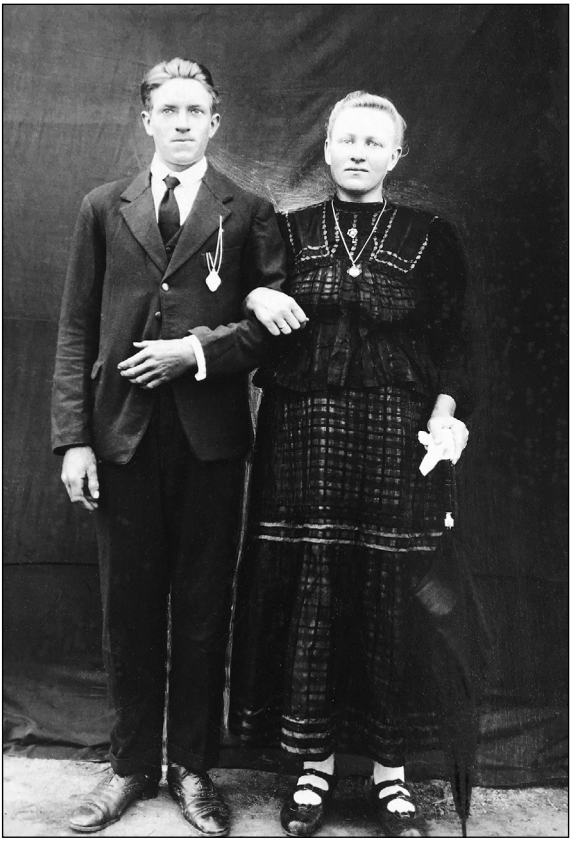
(*02.10.1908 – †02.10.1989)

Germano Degering nasceu em São Bonifácio no dia 02 de outubro de 1908. Foi batizado pelo Frei Xysto Meiwes, na igreja de São Bonifácio, no dia 29 de novembro de 1908, sendo padrinhos Germano Dirksen e Antônia Mönster. Lembremos que o padrinho Germano Dirksen era recém-casado com Francisca Degering, irmã do batizando Germano.

Quando criança, frequentou a escola da comunidade onde aprendeu os rudimentos da escrita e da leitura (em alemão) e aritmética. Casou-se, no dia 24.01.1929, com Ana Heerdt[1] (*19.12.1907 – †09.07.1996), nascida em Rio São João, no atual município de São Martinho. É provável que Germano encontrou naquela localidade sua esposa porque ali residia, há alguns anos, sua irmã Francisca Degering, casada com Germano Dirksen. O casal residiu sempre

1 Ana Heerdt era filha de Augusto Henrique Heerdt (*08.02.0885 – †13.09.1915) e Elisabeth Schmoeller (*14.03.1886 – †13.11.1941), residentes em Rio São João – São Martinho.

em São Bonifácio, na casa dos pais, Pedro Dechering e Maria Leising, dos quais ele cuidou até o falecimento de ambos.



Germano Degering e Ana Heerdt, com o traje do casamento.

Germano era homem muito trabalhador e economizava centavo por centavo. Todavia, essa preocupação não lhe granjeou grande fortuna. Trabalhava, de sol a sol, e até mesmo em dias de chuva, na lavoura. Lidava também com criação de gado, sobretudo gado leiteiro. Fabricava queijo e manteiga comercializados em

Florianópolis. Exceto as vacas leiteiras, o gado era criado solto no campo, em terras cedidas pela Companhia Docas de Imbituba, proprietária de grande área de terra na parte sul da serra do Tabuleiro. Além disso, comprava madeira que era transformada em toras e levadas com juntas de bois até a serraria de Francisco Weber, onde era serrada em vigas e pranchas vendidas ao estado para a construção e reforma de pontes. O principal fornecedor dessa madeira foi Teodoro Joaquim, no Rio Atafona.

Filhos de Germano Degering e Ana Heerdt

1. **Paulo** (*02.02.1930 – †17.01.2002), casado com Nancy Pires (*02.11.1941). Residência: Rio de Janeiro, onde ele faleceu e está sepultado.

2. **Olinda** (*29.08.1931 – †30.08.1987), casada com Vendolino Weber (*19.06.1924 – †20.10.2018). Residia em Alto São Bonifácio.

3. **Dorvalino** (*24.07.1933 – †28.09.2021), casou no dia 15.05.1954 com Hilda Rohling (*27.03.1932). É diácono permanente cuja ordenação foi no dia 22 de março de 1981. Exerceu seu ministério na paróquia de São Bonifácio. Entre outras funções, ele presidia cultos dominicais, casamentos, batizados e funerais. Em virtude da idade avançada e problemas de saúde, ele foi dispensado, pelo Arcebispo, de exercer o ministério. Morava em São Bonifácio.

4. **Pedro** (*07.06.1936 – †04.03.2016), casou no dia 08.11.1950 com Alcerina Beppler (*05.12.1936 – †08.11.2003) e passou a residir em Vargem Grande/Águas Mornas-SC. Pedro separou-se de Alcerina e contraiu segundas núpcias, no dia 22.05.1976, com Aneli Sandri (*03.11.1947) passando a residir em Três Barras-PR.

5. **Lúcia** (*26.09.1938), casada com João de Deus Nunes (*18.06.1939 – †24.07.1992. Mora no Rio de Janeiro.

6. **Baldevino** (*07.12.1940), casado com Maria Catarina Nack (*23.05.1943. Mora em São Bonifácio.

7. **Arvelino** (*21.07.1943), casado com Irene Exterkötter (*21.03.1944). Mora em São Bonifácio, na casa onde sempre residiu a família Degering.

[6.2]

Heinrich Dechering

(*09.10.1868 – †17.09.1945)

Heinrich (Henrique) Dechering, o segundo filho do imigrande Bernard Dechering, nasceu no dia 09 de outubro de 1868, no Alto Capivari, em São Bonifácio. Foi batizado em Teresópolis no dia 25 de dezembro de 1868 pelo Padre Guilherme Roer, sendo padrinhos Herman *Heinrich* Schmoeller[1] e Gertrud Warmeling. Nada de sabe de sua infância. Em virtude da distância da escola, não aprendeu a ler e escrever.

Ainda solteiro, por volta de 1888, mudou-se para o núcleo colonial São Ludgero. Naquela época, isto é, a partir de 1874, muitos imigrantes e filhos de imigrantes da colônia Teresópolis, sobretudo de Rio Novo, Rio Salto e do Capivari se estabeleceram na região que compreende os atuais municípios de São Ludgero e Braço do Norte. As terras do Vale do Braço do Norte eram novas, muito férteis e de clima saudável.

1 Hermann *Heinrich* Schmoeller (casado com Gertrud Warmeling) era irmão de Francisca Schmoeller, mãe de Heinrich Dechering.

Segundo informações transmitidas oralmente, o imigrante Bernard Dechering teria decidido, num dado momento, vender a propriedade no Alto Capivari (o lote número 147) e comprado o lote 129 cujo proprietário era Hermann Heidemann, que se mudou para São Martinho e, depois, para Vargem do Cedro. Ao efetuar essa compra, Bernard, seguindo uma tradição em vigor na Alemanha donde ele viera, teria escriturado a nova propriedade em nome do filho mais velho, Peter Dechering e, com isso, de certa forma, deserdado o segundo filho, Heinrich, e a filha, Francisca Elisabeth. Esse procedimento teria gerado um descontentamento e desentendimento entre o pai, Bernard, e o filho, Heinrich, e levado este a abandonar a casa paterna, mudando-se para São Ludgero/Braço do Norte. Não se sabe com exatidão quando se mudou para lá e com quem foi morar. Os documentos comprovam que ele casou no dia 11 de novembro de 1891, em São Ludgero, com **Gertrud (Gertrudes) Stange**[2] (28.08.1871 – †18.12.1940), filha de Franz Stange e Clara Kestering.

Heinrich, ou Henrique, como se tornou conhecido, morava em Braço do Norte, distante mais ou menos um quilômetro do trevo, na entrada da cidade, junto à antiga estrada para São Ludgero. Era proprietário de uma grande gleba que se estendia do rio Braço do Norte uns mil metros terra adentro. Era um agricultor bem situado.

A família de Henrique Dechering era muito religiosa e ligada à Igreja. Quando foram inaugurados os sinos da Igreja Matriz de Braço do Norte, ele arrematou, por sete contos de réis, o sino

2 Gertrud Stange era filha de *Franz* Anton Hubert Stange e Clara Kestering. Franz Stange (*29. 07.1841), era natural de Heek. Aportou no Rio de Janeiro a 21.06.1862 com a família de seu padrasto Gerhard Schulz. Gertrud era filha de Heinrich Anton Kestering, natural de Metelen e que chegou no Rio de Janeiro 30.07.1862.

Gertrudes Stange e Henrique Dechring.
As gêmeas: Maria e Ana Isabel.

maior ao qual deu o nome de São Sebastião[3]. Segundo a tradição da família, o valor pago teria sido tão elevado a ponto de precisar vender uma área de terra em Rio Pequeno para saldar esse compromisso. Como Henrique já se encontrava em idade avançada e com as forças debilitadas, ele encarregou o genro Estêvão Niehues a tocar o sino. No dia da inauguração, o então pároco, Padre Jacó Nebel, realizou uma grande festa com a presença das mais significativas autoridades entre as quais o prefeito de Tubarão e o governador do Estado.

O casal teve primeiro três filhas, das quais duas gêmeas. Após 20 anos do nascimento das gêmeas, nasceu mais uma menina,

3 O sino foi fundido em 1927, na fundição Ulrich Apolda, na Turíngia, Alemanha.

perfazendo um total de quatro filhas. Por isso, o nome Dechering/Deggering não teve continuidade em Braço do Norte.

Henrique e Gertrudes faleceram em Braço do Norte e estão sepultados no cemitério municipal desta cidade.

Gertrudes Stange e Henrique Dechering.

Filhas de Henrique Dechering e Gertrudes Stange

1. **Francisca** Elisabeth (*06.05.1893 – †01.11.1981) casada com Pedro Della Giustina (*06.03.1889 – †02.07.1957).

2. **Ana Isabel** (*12.10.1896 – †09.03.1983) casada com Marcolino Meurer (*28.06.1894 – †07.05.1941).

3. **Maria** (*12.10.1896 – †24.06.1980) casada com José Antônio Arend (*04.05.1893 – †28.09.1962).

4. **Cecília** (*16.08.1916 – †25.08.2004) casada com Estêvão Niehues (*26.12.1912 – †11.05.1974).

[6.2.1]

Francisca Elisabeth Deggering

(*05.05.1893 – †01.11.1981)

Francisca Elisabeth nasceu em Braço do Norte no dia 05 de maio de 1893. Foi batizada em São Ludgero no dia 06 de maio de 1893, sendo padrinhos Joseph Hobold e Elisabeth Deggering. Casou-se, com 19 anos de idade, na Igreja Matriz de São Ludgero, no dia 07 de junho de 1912, com **Pedro Della Giustina**, (*06.03.1889 – †02.07.1957), filho dos imigrantes italianos Bortolo Della Giustina e de Clara Coan.

Após o casamento, a família estabeleceu-se acima de Rio dos Cachorrinhos, no município de Orleans. Lá nasceram os cinco filhos mais velhos: Ana, Gregório, Maria, David e Rosalina. Mas à medida que as crianças iam crescendo, começou também a preocupação com a educação, pois não havia escola no lugar e a mais próxima era muito distante.

Pedro vendeu então a propriedade e comprou alguns hectares de Henrique Füchter no lado direito do rio Braço do Norte, uns dois quilômetros abaixo da Vila União. Havia, no terreno, apenas uma pequena casa de madeira. Tendo em vista os filhos que a

família já tinha e outros que ainda poderiam nascer, Pedro tratou de construir uma casa maior, um sobrado. Com a ajuda de toda a família, amassou o barro, modelou os tijolos e secou-os. Levantou as paredes tendo como argamassa apenas barro. As tábuas e caibros foram serrados a mão. Para aquela época, o casarão de dois pisos era uma bela mansão. O prédio ainda existe, porém sem as características originais. As paredes foram salpicadas com reboco de cimento e pintadas de amarelo. Atualmente o edifício está em estado de abandono, pois não há mais morador no local.

Residência de Pedro Della Giustina e Francisca Elisabeth Deggering.
Da esquerda para a direita: Rosalina, David, Gregório, Francisca Elisabeth (mãe), Nicolau (sentado na mesa), Pedro (pai), Ana Francisca, Maria, Verônica. (foto ± 1927).

A família tinha engenho de açúcar movido a bois. Fazia açúcar para o consumo próprio e, em época de entressafra, alugava também o engenho para os vizinhos. Pedro e os filhos colhiam

a cana, transportavam-na com carro de boi até o engenho onde era feita a moagem. Francisca cuidava do cozimento do melado. Cada tachada demorava em torno de 4 horas e eram cozidas 4 tachadas por dia. A produção de açúcar se dava, geralmente, nos meses de inverno e o serviço era muito penoso.

Além do açúcar, produzia-se também polvilho em considerável quantidade. O processo era o seguinte: a mandioca era raspada com uma faca para tirar a primeira casca. Depois era lavada e ralada numa máquina. A massa, misturada com água, era colocada em sacos de tecido. Em seguida era espremida e o líquido branco caía num coxo grande de madeira onde permanecia alguns dias para que o amido se depositasse no fundo. Após alguns dias, a massa branca compactada no fundo do cocho estava no "ponto" para ser retirada e secada ao sol sobre tablados de madeira a um metro ou mais de altura. À medida que a massa secava, tornava-se fácil desmanchar em pedaços e refinar até se tornar um fino pó conhecido como polvilho. O produto era utilizado para fazer roscas e doces. O excedente do consumo próprio era vendido no comércio da cidade.

Anexo ao engenho, havia também um alambique onde se produzia cachaça, igualmente comercializada na cidade de Braço do Norte.

Pedro era homem de muita iniciativa e criatividade. Para facilitar a limpeza do arroz, construiu um monjolo que servia como descascador. Para esta finalidade, desviou um riacho, canalizando a água até o lugar adequado para a instalação do monjolo.

Sua obra mais engenhosa foi do maquinário para a produção de energia elétrica. Segundo consta, foi a primeira família a possuir energia elétrica em toda a redondeza. Um pouco abaixo da residência, Pedro construiu um açude represando um ribeirão. O

tapume servia de estrada. Abaixo da represa construiu um suporte de material sobre o qual instalou um gerador (dínamo) movimentado por roda d'água, cuja água vinha do açude através de uma canalização. Durante o dia o dínamo carregava uma bateria e ao anoitecer era levada para a casa, fornecendo iluminação com algumas lâmpadas.

A família de Pedro e Francisca Elisabeth era grande. Treze filhos, todos muito trabalhadores. Eram necessários muitos recursos em bens e dinheiro para manter a família. Por isso, plantava-se de tudo: feijão, milho, batata, arroz, hortaliças, etc. Criava-se e engordava-se muitos porcos que eram abatidos em casa e a banha e o toucinho excedentes, vendidos. Com o passar dos anos, surgiram comerciantes que compravam os porcos vivos.

Para consumo próprio, havia também significativa criação de galinhas, patos, gansos e marrecos. Aos domingos não podia faltar na mesa carne de frango ensopada.

Havia também significativa produção de leite e os filhos, quando iam à escola, levavam o leite a consumidores da cidade. Sempre havia umas quatro crianças na escola. Cada um levava seis litros num alforje pendurado nos ombros, com três litros na frente e três litros atrás, nas costas. Vendia-se também, sob encomenda, coalhada, manteiga, nata, puina (queijinho), queijo, pão de milho, batata assada, rosca, entre outros. Os principais compradores eram Pedro Collaço, Francisco (Chico) Coelho, Joanim Uliano, Carlos Witthinrich, Oswaldo Westphal, Teodoro Bernardo Schlickmann, Angelim Sandrini, Bepi (José) Salvalaggio e Padre Jacó Luiz Nebel.

Vendia-se também lenha que era transportada em carro de boi. Os compradores eram moradores da cidade, pois nessa época ainda não existia o fogão a gás.

Além de marceneiro, Pedro era também artesão. Fazia cestos com cipó e taquara do mato, colhidas em época de lua minguante para não criar carunchos, como então se dizia. Confeccionava também corda de cipó para amarrar os bois, bodoque com corda de tucum e outras coisas mais. Todas essas habilidades e conhecimentos ele transmitiu a seus filhos.

A foto a seguir indica que a família alcançou um considerável bem estar de vida.

Família de Pedro Della Giustina e Francisca Elisabeth Deggering.
Da esquerda para a direita, atrás: Nicolau, Maria,
David, Ana, Gregório, Clara, Paulino e Irineu.
Da esquerda para a direita, na frente: Raulino, Verônica, Pedro (pai),
Lourenço, Francisca Elisabeth (mãe), Daniel e Rosalina.

Como dissemos acima, a família de Pedro e Francisca era numerosa. Se hoje os pais têm dificuldades de criar dois ou três filhos,

podemos imaginar o que significava criar treze. Nos primeiros anos, todos eram dependentes do pai e da mãe na alimentação, no cuidado com a roupa, na higiene pessoal. Imagine o leitor o cotidiano dessa família: quartos com camas para todos, arrumá-los para frequentarem a escola, mesa muito grande com um banco a frente e outro atrás onde todos se reuniam para as refeições. Naquela época, as meninas maiores ajudavam geralmente a mãe no cuidado das crianças e no serviço da casa ao passo que os rapazes já ajudavam o pai no trabalho da lavoura e na lida com animais. À medida que os filhos iam crescendo, surgiam outras necessidades e preocupações: ferramentas de trabalho para todos, tratar os animais (galinhas, porcos, bois), tirar leite, preparar as refeições, lavar e passar a roupa especialmente aquela para uso aos domingos quando todos se dirigiam à igreja na cidade de Braço do Norte. Com o passar dos anos, tiveram início os casamentos. Uma festa de casamento dava muito trabalho e despesa. A festa do casamento realizava-se quase sempre na casa do noivo. Isso significa que, na casa de Pedro e Francisca realizaram-se, pelo menos, oito festas de casamento com muitos convidados para almoço e café da tarde, sem falar de dança ao som de uma gaita.

Pedro Della Giustina faleceu aos 68 anos de idade, no dia 02 de julho de 1957 e Francisca Elisabeth no dia 01 novembro de 1981, com 88 anos de idade. Ambos encontram-se sepultados no cemitério de Braço do Norte.

Filhos de Francisca Elisabeth Deggering e Pedro Della Giustina

1. **Ana Francisca** (*28.03.1913 – †06.10.2010), casada com Hermínio Della Giustina (*04.05.1913 – †16.01.1987). Residia em Rio Pequeno/Braço do Norte.

2. **Gregório** (*19.12.1915 – †06.10.1981), casado com Ursulina Della Giustina (*21.02.1918 – †10.02.2002). Residia em Rio Pequeno/Braço do Norte.

3. **Maria** (*29.07.1916 – †24.08.2010), casada com Teodoro Schmitt (*13.01.1911 – †01.07.2000). Residia em Rio Pequeno/Braço do Norte.

4. **David** (*16.09.1918 – †13.09.1994), casado com Dorotéa Antônia Beltrame (*04.02.1922 – †17.05.1999). Residência: Primeiro, em Rio Pequeno/Braço do Norte. Depois, em Rio do Oeste-SC e, por último, residiu em Joinville.

5. **Rosalina** (*21.08.1920 – †25.04.1969), casada com José Volpato (*15.08.1923 – †08.06.2011). Residiu no Bairro União/Braço do Norte.

6. **Verônica** (*22.08.1922 – †28.06.2014), casada com 1) Alves (Luiz) Rohling (*24.09.1912 – †01.01.1968), 2) José Volpato (*15.08.1923 – †08.06.2011). Residia no Bairro União/Braço do Norte.

7. **Nicolau** (*25.10.1924 – †05.06.2010), casado com Cecília de Oliveira Souza (*29.12.1927). Residia em Rio Pequeno/Braço do Norte.

8. **Clara** (*14.12.1926), casada com Paulino Della Giustina (*12.07.1930 – †14.06.2009). Residência: Bairro União/Braço do Norte.

9. **Paulino** (*26.11.1929), casou com Cecília Della Giustina (*02.08.1931). Residência: Nova Monte Verde – Mato Grosso.

10. **Irineu** (*14.01.1931 – †31.03.2011), casado com Ana de Oliveira Souza (*02.04.1933). Residiu no Bairro União/Braço do Norte.

11. **Raulino** (*08.11.1932 – †20.07.1998), casado com Augusta Della Giustina (*03.12.1935 – †24.07.2005). Residia em Medianeira.

12. **Daniel** (*19.07.1936), casado com Cecília Michels (*10.01.1940). Residência: Tubarão-SC.

13. **Laureano/Lourenço** (*25.09.1939 – †10.11.1987) casado com Celina Becker (*06.09.1944). Residia em Braço do Norte.

[6.2.2]

Ana Isabel Deggering

(*12.10.1896 – †09.03.1983)

Ana Isabel nasceu em Braço do Norte no dia 12 de outubro de 1896. Foi batizada no dia 18 de outubro do mesmo ano, na igreja de São Ludgero, sendo padrinhos Augusto Stange e Isabel Kestering. Casou-se no dia 17 de setembro de 1918 com **Marcolino Meurer** (*28.06.1894 – †07.05.1941), filho de José Meurer e Emília Luchtenberg. Foi morar em Rio Cachorrinhos, no município de Grão Pará-SC. Mais tarde, por volta de 1930, a família mudou-se para a localidade de Rio Pequeno, onde ambos faleceram e estão sepultados no cemitério da comunidade.

Segundo me foi contado, a família de Ana Deggering e Marcolino Meurer tinha, em Rio Cachorrinhos, um razoável nível de vida. Porém, certo dia, um dos cães de Marcolino teria mordido e machucado muito um porco do vizinho e este, em sinal de vingança, teria, numa festa de casamento, colocado determinado "veneno" na bebida de Marcolino e proferido uma maldição. Ele teria ficado doente e, a partir de então, apresentado sintomas de esquizofrenia e acessos de violência. Com o passar do tempo, fi-

cou parcialmente paralítico. Face a toda essa situação e com filhos pequenos, a família decidiu mudar-se de Rio Cachorrinhos para Rio Pequeno. O estado de saúde não melhorou e Marcolino foi, durante 19 anos, uma pessoa totalmente e em tudo dependente sendo, inclusive, necessário tratá-lo na boca. Podemos imaginar o trabalho que Ana Isabel enfrentou para administrar a família. Ana era uma pessoa muito trabalhadeira até o fim da vida.

Da esquerda para a direita: **Boaventura** *Meurer e Sebastiana Camilo,* **Antônio** *Meurer e Hilma Diogo Arend,* **Benjamim** *Meurer e Anita Ghisi,* **André** *Meurer e Angelina Kuhnen,* **Ana Isabel Deggering**, **Benedita** *Meurer e Ludgero Röcker. (falta* **Gregório** *Meurer, casado com Sita Meurer).*

Por causa da doença de Marcolino, a vida tornou-se financeiramente bastante difícil. Anita, esposa de Benjamim, conta que, quando ela casou, ela trouxe como "dote" um porco e uma vaca com terneiro. O porco ela engordou e o vendeu para pagar o terno de casamento do marido Benjamim que, pelas razões acima, não dispunha dos recursos necessários para custear a fatiota.

Os moradores da comunidade de Rio Cachorrinhos eram predominantemente de origem alemã e, no dia a dia, o alemão era o idioma corrente. Ana Isabel só falava alemão, na forma do dialeto vestfaliano, uma herança de seu avô, originário da Vestfália, na fronteira com a Holanda.

Filhos de Ana Isabel Deggering e Marcolino Meurer

1. **Antônio** Marcolino (*21.06.1919 – †28.10.1984) casado com Hilma Diogo Arend (*26.09.1920 – †08.05.1997). Residência e falecimento: Blumenau.

2. **Gregório** Marcolino (*15.03.1920 – †11.06.1994) casado com Sita Meurer (*10.07.1926 – †31.05.1998). Residência e falecimento: Joinville.

3. **André** Marcolino (*03.02.1922 – †01.12.1995), casado com Angelina Kuhnen (*11.12.1929 – †09.09.1995). Residência e falecimento: Joinville.

4. **Benjamim** Marcolino (*30.03.1924 – †23.09.2008), casou no dia 24.01.1952 com Anita Ghisi (*13.03.1935) Residência: Rio Pequeno/Grão Pará.

5. **Boaventura** Marcolino (*12.03.1926 – †11.12.1994), casado com Sebastiana Camilo (*04.08.1933 – †17.07.2017). Residia na Ilha Grande/Grão Pará. Sebastiana residia, quando faleceu, em Grão Pará.

6. **Bernardete**[1] (*24.06.1929 – † 18.02.2003), casada com Ludgero Röcker (*11.01.1929 – †01.03.2014). Residia em Joinville-SC.

7. **Daniel** (*26.01.1932 – †31.10.1935). Faleceu de crupe.

1 No registro de nascimento do cartório de Grão Pará, Bernardete foi registrada como Benedicta.

[6.2.3]

Maria Deggering

(*12.10.1896 – †24.06.1980)

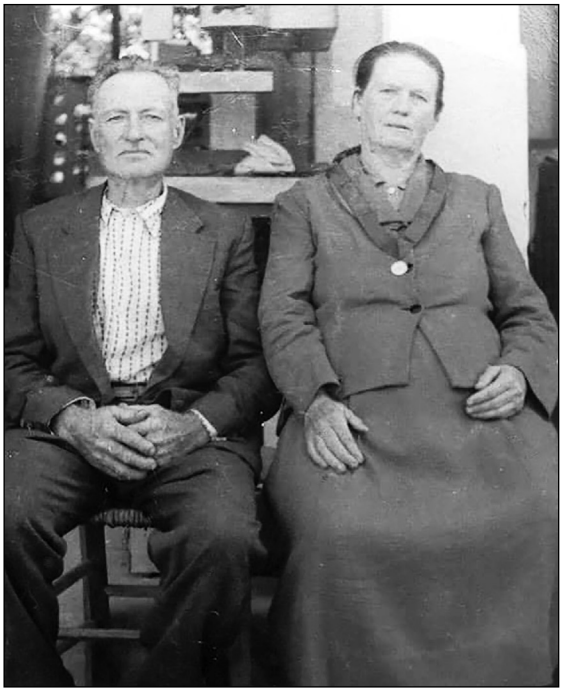
Maria nasceu em Braço do Norte no dia 12 de outubro de 1896. Foi batizada no dia 18 de outubro do mesmo ano na Igreja de São Ludgero, sendo padrinhos Pedro Degering e Maria Leising. Casou-se no dia 04 de janeiro de 1916, na Igreja Matriz de São Ludgero, com **José Antônio Arend** (*04.05.1893 – †28.09.1962), filho de João Frederico Arend e de Gertrudes Meurer. Após o casamento, Maria e José moraram, durante alguns anos, com os pais de Maria. Embora fossem gêmeas, Maria teria nascido em segundo lugar e, por isso, o pai, Heinrich, decidiu passar a maior parte da propriedade em herança a Maria, considerada a mais nova. Mas sete meses após o casamento, em 16 de agosto de 1916, nasceu Cecília, a filha caçula e temporã de Heinrich e Gertrudes. Agora, Maria não era mais a mais nova da família mas, sim, Cecília. Heinrich propôs então reverter a herança concedida a Maria, com a intenção de passar, pelo menos a metade dos bens, para a filha mais nova. José e Maria decidiram devolver tudo e se mudaram para Aiurê, na encosta da serra, no município de Grão Pará. A propriedade

adquirida nesse lugar era grande, em torno de 100 hectares, mas a terra era bastante acidentada e, por causa dos péssimos caminhos e das distâncias, era difícil a exportação dos produtos da lavoura. Nesta localidade a família morou em torno de 40 anos até quando, em 1962, se mudou para Graciosa, no município de Paranavaí, no Norte do Paraná.

Durante o período em que morou em Aiurê, a família adquiriu certo grau de prosperidade. A numerosa prole representava importante mão de obra no serviço da lavoura. No início, a casa de moradia era de madeira, mas em 1927 a família construiu casa nova, de material. Uma das filhas, Verônica, atualmente com 95 anos, conta que, no início, havia ainda índios na região o que lhes inspirava constante medo de um possível ataque, mas que nunca aconteceu nada. A família plantava de tudo para a subsistência. Produziam açúcar, farinha de mandioca, tinham atafona e, para conseguir dinheiro em espécie, engordavam porcos que eram vendidos a comerciantes de Grão Pará. Verônica conta que a região, por ser encosta da serra, era propícia para trovoadas assustadoras com fortes ventos. Por isso, faziam constantemente rezas dirigidas pelo vizinho Rhoden, para amainar as tempestades. A família era muito ligada à igreja. Certa ocasião, na festa do padroeiro, levaram um galo bem grande, de pescoço pelado, para ser leiloado. Tais leilões transcorriam geralmente num clima de muita alegria e competição. O galo foi leiloado várias vezes naquele dia, rendendo, em dinheiro, o suficiente para pagar a cruz de metal na torre da igreja.

Como a propriedade de Maria e José Arend se localizasse na encosta da serra, junto ao caminho por onde passavam os tropeiros e comerciantes que transportavam seus produtos de Urubici a Grão Pará e vice-versa, a casa dos Arend servia de pouso para os tropeiros que podiam soltar ali os animais durante o pernoite.

Na década de 1950 e 1960 muitas famílias mudaram-se para diferentes lugares do Paraná. A família de José Arend tomou também o rumo do Paraná e o principal destino foi a localidade de Graciosa, no município de Paranavaí. A primeira a estabelecer-se lá foi a filha Maria, casada com Adolfo Meurer. A seguir estabeleceram ali também Bernardete casada com José Hobold e Samuel casado com Isaura Spillere Pazetto. José e Maria mudaram-se para Graciosa no dia 25 de agosto de 1962. Mas José morou lá por pouco tempo, vindo a falecer um mês e três dias após a chegada em Graciosa, ou seja, no dia 28 de setembro de 1962. Maria faleceu no dia 24 de junho de 1980. Ambos estão sepultados no cemitério da comunidade de Graciosa.



José Arend (Arent) e Maria Deggering.

Filhos de Maria Deggering e José Arend

1. **Irineu** (*08.11.1916 – †14.12.1935). Faleceu solteiro. Causa mortis: pneumonia dupla.

2. **Cândido** (*10.03.1918 – †10.12.1975), casou no dia 07.06.1944 com Clara Kalfels (*04.04.1923 – †16.08.2004), filha de Stefano Kalfels e Ana Back. Residência: localidade de Santo Antônio, município de São Ludgero. Estão sepultados no cemitério de São Ludgero.

3. **Paulo** (*25.11.1919 – †19.10.2011), casou no dia 10.09.1946 com Catarina Kuhnen (*24.12.1927 – †06.05.2015). Moraram sempre na localidade de Aiurê/Barrinha, município de Grão Pará. Estão sepultados no cemitério de Aiurê.

4. **Augusto** (*12.01.1921 – †27.03.1996), casou no dia 31.10.1947 com Maria Pavanello (*09.04.1919 – †08.07.1978). Mudaram-se para Joinville onde ambos faleceram e estão sepultados.

5. **Verônica** (*22.06.1922), casou no dia 01.10.1942, na igreja matriz de Urubici-SC com Ricardo Willemann (*03.04.1916 – †22.08.1962). Ricardo foi sepultado no cemitério da comunidade do Espírito Santo/Rio Rufino-SC. Verônica mora com a filha Olanda em Santa Tereza/Urubici.

6. **Maria** (*29.11.1923 – †26.01.2017), casada com Adolfo Meurer (*27.10.1924 – †08.09.2000). Residiu desde meados de 1950 na localidade Graciosa, no município de Paranavaí. Lá ambos faleceram e estão sepultados no cemitério da comunidade.

7. **Lídia** (*07.09.1925 – †25.01.2016), casada com Francisco Xavier Rhoden (*23.12.1926 – †31.08.1994). Residiam em Florianópolis onde faleceram e foram sepultados.

8. **José Bertoldo** (*09.03.1927 – †26.05.2014), casado com Maria Pazetto (*09.06.1935 – †21.05.1982). Foi residir em Osas-

co-SP. Mais tarde, por motivos de conflitos familiares (havia aderido a práticas de macumba e de espiritismo), foi morar em Sorocaba, onde faleceu e está sepultado. A esposa, Maria Pazetto, morava em Terra Rica-PR, onde faleceu e foi sepultada.

9. **Ana** (*10.07.1929 – †22.12.2012), casou em São Ludgero com Bertolino Hobold (*06.03.1926 – †12.06.2003). Residia nos últimos anos em Medianeira onde ambos faleceram e estão sepultados.

10. **Bernardete** (*24.07.1931 – †16.09.2021), casada com Humberto José Hobold (*17.04.1928 – †20.08.1988). Residia em Graciosa/Paranavaí.

11. **Samuel** (*25.03.1935 – †22.03.2006), casado com Isaura Spillere Pazetto (*09.11.1936 – †08.10.2011). Residia em Graciosa/Paranavaí, onde faleceu e está sepultado.

12. **Gertrudes** (*04.01.1937), casou no dia 04.04.1959, em Graciosa/Paranavaí, com Gerônimo Bloemer (*27.06.1933 – †22.08.1995). A família mudou-se para Ouro Verde-PR, no Oeste do Paraná, onde ele faleceu e está sepultado.

13. **Valburga** (*21.03.1941 – †27.08.1941). Faleceu criança.

[6.2.4]

Cecília Deggering

(*16.08.1916 – †25.08.2004)

Cecília nasceu em Braço do Norte no dia 16 de agosto de 1916. Foi batizada na igreja matriz de São Ludgero pelo Padre Frederico Tombrock no dia 20 de agosto, sendo padrinhos João Frederico Arend e Gertrudes Meurer. Casou na igreja matriz de São Ludgero no dia 11.01.1933 com **Estêvão Niehues** (*26.12.1912 – †11.05.1974), filho de Francisco Niehues e Gertrudes Stange.

Cecília Deggering era a mais nova numa família de quatro mulheres e, por ser a mais nova, herdou a propriedade paterna com o encargo de cuidar dos pais na velhice. Enquanto seu esposo se ausentava diariamente para exercer as funções de inspetor da Souza Cruz, ela e os filhos trabalhavam na lavoura. Plantava-se principalmente fumo, melancia, milho e outras cultivares em menor área para consumo da família e dos animais domésticos. Era comum ter no pasto pequeno rebanho bovino para produção de leite e carne, bem como alguns porcos no chiqueiro e galinhas no terreiro para subsistência familiar. Cecília era muito religiosa e manifestava

singular devoção a Nossa Senhora Aparecida. Os cafés postados a mesa quando da visita de seus familiares nos domingos a tarde eram encerrados com um carteado onde os lugares eram muito disputados.

Estêvão Niehues foi por 20 anos, (02.06.1954 a 11.05.1974), inspetor/orientador da Souza Cruz (Cia. de Cigarros Souza Cruz), de Tubarão. Chefiava uma equipe de, aproximadamente, dez instrutores. A atividade visava orientar os agricultores que desenvolviam o cultivo da fumicultura.

Seu meio de locomoção profissional era um jeep 4x4 enquanto que seus subordinados (instrutores) se valiam de uma bicicleta nos anos 50/60. Posteriormente, a Souza Cruz disponibilizou uma moto/lambreta para cada instrutor.

Estêvão era muito religioso. Além de participar todos os domingos das missas na paróquia de São Ludgero, costumava fazer parte das comissões que ditavam os rumos da paróquia tanto na parte religiosa como financeira e se envolvia na organização das festas da igreja para arrecadação de fundos.

Poucos meses antes do seu falecimento, vinha de São Ludgero em direção a sua residência em Braço do Norte e, num descuido, capotou seu jeep e bateu com a cabeça num mourão de cerca o que, provavelmente, veio a desenvolver um tumor maligno em seu cérebro. Mesmo depois de passar por várias cirurgias em Florianópolis, o tratamento não deu o resultado esperado. Estêvão era pessoa muito notória em Braço do Norte e, por isso, uma rua desta cidade, perto de sua residência, recebeu o seu nome como homenagem póstuma.

A família morou sempre em Braço do Norte, junto ao antigo caminho para São Ludgero, perto dos pais Henrique Degering e Gertrudes Stange.

Estêvão faleceu no dia 11.05.1974 e Cecília no dia 25.08.2004. Ambos encontram-se sepultados no cemitério municipal de São Ludgero.

Em pé, fila de trás: Rita, Lorena, Cirilo, Valmor, Wenceslau e Constantino. Fila da frente: Plinio (em pé) Estevão (pai), Jacinta (em pé) Celília (mãe), Maria (colo), Nair, Aníbal, Terezinha e Julieta.

Filhos de Cecília Deggering e Estêvão Niehues

1. **Wesceslau** (*08.02.1934), casado com Maria Eller (*17.11.1937). Residência: Forquilhinha-SC.

2. **Valmor** (*09.04.1935 – †12.04.2015), casado com Líbera Loh (*19.07.1936). Residia em Forquilhinha.

3. **Venícius** (*26.11.1936 – †27.06.1937). Faleceu criança.

4. **Constantino** (*02.05.1938 – †14.07.2015), casado com Terezinha Danielski (*18.03.1944). Residia em Braço do Norte.

5. **Rita** (06.04.1940), casada com Pio Philippi (*14.10.1937). Residência: Joinville.

6. **Cirilo** (*21.12.1941), casado: 1º) Maria Weber (*08.09.1943 – †30.03.1994), 2º) Maria ....., 3º) Maria Zavaski. Residência: São Ludgero.

7. **Lorena** (*18.11.1943 – †14.06.1994), casada com Afonso Becker (*28.10.1943). Residia em Braço do Norte.

8. **Nair** (*07.09.1945 – †13.08.2014), casada com Aloísio Borgert (*12.09.1941). Residia em Braço do Norte.

9. **Terezinha** (*04.06.1947 – †21.06.2002) casada com Silvino Martinho Soethe (*03.07.1944). Residia em São Ludgero.

10. **Julieta** (*15.12.1948), casada com Tarcísio Buss (*29.02.1944 – †11.04.2017). Residência: Braço do Norte.

11. **Plínio** (*07.10.1950), casado com Terezinha Füchter (*27.10.1954). Residência: Joinville.

12. **Anibal** (*11.12.1951), casado com Imelda Schlickmann (*14.11.1955). Residência: Braço do Norte.

13. **Jacinta** (*24.11.1953), casada com Agenor Schlickmann (*01.02.1949). Residência: São Ludgero.

14. **Maria** (*15.09.1956), casada com Luiz Soethe (*26.02.1955). Residência: Braço do Norte.

[6.3]

Elisabeth Francisca Degering

(*07.01.1873 – †…/…1875)

Elisabeth Francisca nasceu no dia 07 de janeiro de 1873 no Alto Capivari, em São Bonifácio. Foi batizada no dia 10 de março do mesmo ano pelo Padre Guilherme Roer, sendo padrinhos Heinrich Warmeling e Elisabeth Warmeling. Conta a tradição que a menina morreu afogada no rio com a idade de, aproximadamente, dois anos e meio, ou seja, em meados de 1875.

[6.4]

Francisca **Elisabeth** Deggering

(*10.02.1876 – †22.07.1955)

Francisca **Elisabeth** Deggering nasceu no dia 10 de fevereiro de 1876, no Alto Capivari, em São Bonifácio. Foi batizada na capela de São Bonifácio, no dia 29 de fevereiro do mesmo ano, pelo Padre Guilherme Roer, sendo padrinhos Heinrich Warmeling e Elisabeth Warmeling. Naquela época era costume quando falecesse uma criança, a próxima a nascer recebia o mesmo nome e os padrinhos eram também os mesmos. Por isso, ela recebeu o mesmo nome de sua irmãzinha falecida um ano antes, tendo sido apenas invertidos os nomes, ou seja, a primeira chamava-se Elisabeth Francisca e, a segunda, Francisca Elisabeth. Elisabeth era o nome pelo qual era conhecida.

Nada se sabe da infância de Francisca Elisabeth. Ela não aprendeu a ler e escrever. Por motivo de distância, ela não frequentou a escola, pois quando estava em idade escolar a família ainda morava em Alto Capivari. Viveu com os pais até certa idade, talvez até o casamento, ou um ou dois anos antes, indo morar

em Braço do Norte com seu irmão Henrique de quem foi, inclusive, testemunha de casamento no dia 11 de novembro de 1891.

Ela encontrou o futuro marido em Braço do Norte. Casou muito jovem, com apenas 17 anos, no dia 08 de agosto de 1893, na igreja de São Ludgero, com **Heinrich (Henrique) Philippi**[1] (*22.11.1872 – †09.11.1935), nascido em Teresópolis. O casamento civil foi bem mais tarde, em Braço do Norte, no dia 20 de abril de 1933. No registro de casamento consta que Francisca Elisabeth não sabia ler e nem assinar o nome. Heinrich Philippi, por sua vez, além de saber ler e escrever, apresentava bonita caligrafia.

Francisca Elisabeth, ou Lisbeth, como era chamada, não aprendeu a falar o português. Era uma pessoa de índole muito bondosa. Talvez por causa dos numerosos filhos que lhe deram muito trabalho para criar (pensemos na roupa a lavar, na comida a preparar, dos animais para cuidar, no leite a tirar, enfim, governar a casa e manter a disciplina, sobretudo após o falecimento do marido), ela teve que adotar atitudes rigorosas que poderiam dar a impressão de que ela era uma pessoa severa e braba. Com o passar dos anos, ela assumiu o trabalho de limpeza do pasto, que era grande. Para isso, levava um banquinho para executar mais comodamente o trabalho. De acordo com a neta, Darci Dechering Eierhoff, que a conheceu e dela se lembra bem, Francisca Elisabeth era de baixa estatura, bastante franzina, usava sempre lenço branco na cabeça. Era conhecida como a vovó pequena. Gostava de se arrumar bem. Ia com frequência a Braço do Norte, a cavalo, montada numa sela ricamente adornada, onde ela fazia compras para a casa e para seu uso pessoal. Ela usava geralmente roupa escura e vestido longo. No final da vida, andava bem encurvada.[2]

---

1 Heinrich Philippi era filho de Anton Philippi e de Helena Winter.

2 Entrevista com Darci Dechering Eierhoff, no dia 01.03.2016.

A família morou sempre em Braço do Norte.[3] Gozava de um razoável nível de vida para os padrões daquela época. Tinha uma grande propriedade rural e a principal fonte de renda era a engorda e venda de porcos. A casa, muito grande, com 4 quartos e sala bem grande, era em estilo enxaimel (estrutura de madeira, preenchida com tijolos à vista). Infelizmente, a casa já foi demolida para dar lugar a uma nova residência.

De acordo com o registro de óbitos, ele faleceu do coração aos 63 anos, no dia 09 de novembro de 1935 e ela de gripe aos 79 anos, no dia 22 de julho de 1955. O casal teve 13 filhos dos quais 11 estavam vivos em 1935, quando Henrique faleceu.

Ambos foram sepultados no cemitério católico de São Ludgero.

Filhos de Francisca Elisabeth Deggering e Henrique Philippi

1. **Rodolfo** Henrique (*04.09.1894 – †.../.../...), casou em São Ludgero no dia 28.01.1919 com Ana Locks (*1899 – †.../.../...). Filha de Mathias Locks e Maria Warmeling. Residia em Armazém-SC.

2. **Francisco** Henrique (*02.02.1896 – †28.01.1948), casou no dia 24.06.1919 com Francisca Warmeling (*24.07.1896 – †20.08.1973), filha de Francisco Warmeling e Catarina Hawerroth. Residia em Pinheiral/Braço do Norte.

3. **João** (*15.06.1897 – †21.07.1925), casou no dia 25.07.1920 com Bertha Waterkemper (*23.10.1901 – †.../.../...), filha de Francisco Waterkemper e Anna Voss. Residia em Braço do Norte.

---

3 As terras de Henrique Philippi localizavam-se onde atualmente se encontra a fábrica de Doces Áurea e se estendiam até o rio Braço do Norte. Naquela época, as terras mediam normalmente 200 metros de frente (rio Braço do Norte) por 1.000 metros de fundo.

4. **Pedro** Paulo (*24.06.1899 – †27.04.1981), casou no dia 18.05.1921 com Francisca Mathildes Niehues (*09.08.1898 – †23.03.1970), filha de Anton Niehues e Elisabeth Füchter. Pedro morou na terra dos pais, em Braço do Norte, e tornou-se muito conhecido pela atafona que ele tinha e que era muito frequentada.

5. **Maria** (*18.06.1902 – †.../.../...), casou no dia 24.07.1922 com João Esser (*06.08.1898 – †.../.../...), filho de Antônio Germano Esser e Anna Maria Wiggers. A família foi morar em Rio do Sul-SC.

6. **Verônica** Gertrudes (*29.06.1904 – †01.09.1997), casou no dia 29.09.1926, em São Ludgero, com Augusto Voss (*01.09.1902 – †10.04.1971). A família residia em Braço do Norte. Foram sepultados em São Ludgero.

7. **José** Henrique (*04.03.1906 – †21.03.1954), casou com Anna Prá (*10.11.1902 – †15.07.1987), filha de João Prá e Catarina Batista (Priester). Residência: Braço do Norte. Ele faleceu de cirrose hepática devido ao excessivo consumo de bebida alcoólica.

8. **Huberto** Henrique (*18.04.1908 – †30.12.1972), casou no dia 14.11.1946 com Maria Cunha (*13.05.1908 – †28.07.1995) Residência: Braço do Norte. Huberto era portador de deficiência física e mental. Morava na localidade de Travessão onde foi sepultado. Mais tarde, quando faleceu a esposa que morava em Braço do Norte, seus restos mortais foram trasladados para o cemitério desta cidade.

9. **Felix** Henrique (*01.06.1910 – †.../.../...), casou em 1929 com Joana Hillmann (*24.04.1906 – †.../.../...).

10. **Antônio** Henrique (*13.01.1914 – †06.03.1973), casou no dia 22 de maio de 1936 com Juliana Volpato (*09.01.1914 – †06.03.1973), filha de Marco Luigi Volpato e Maria Della Gius-

tina. Morou primeiro em Rio Bonito (município de Braço do Norte), depois, em outubro de 1952, mudou-se para Inajá-PR, onde foi um dos fundadores deste distrito e o primeiro prefeito e, por fim, em fevereiro de 1969, foi morar em São Paulo. O casal morreu acidentado na rodovia Régis Bittencourt, em Cajati-SP, quando voltava de Braço do Norte para São Paulo.

11. **Ana Isabel** (*1916). Faleceu criança.

12. **Augusto** Henrique (*29.08.1917 – †14.06.2008), casou com Cristina Niehues (*24.06.1920 – †26.08.1992), filha de Bernardo Niehues e Ana Eyng. O casal morou nos últimos anos em Blumenau onde ambos faleceram e estão sepultados.

13. **Ludgero** Henrique (*25.08.1919 – †28.03.1995), casou, em 26.05.1945 com Cecília Coan (*10.09.1926 – †10.02.2011), filha de Clemente Coan e Ana Della Giustina. A família foi morar no Pinheiral/Braço do Norte onde ambos faleceram e estão sepultados.

14. **Rosalina** (*17.01.1922 – †25.01.1935). Faleceu com 13 anos.

Valberto Dirksen

Formação acadêmica: Graduado em filosofia (1965) e teologia (1970), doutor em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo-USP (1980), especialização em estudos latino-americanos nas universidades de Roma e Paris (1983-1984), Pós-doutorado, na área da imigração alemã no Brasil, pela Universidade Livre de Berlim (1997-1998).

Magistério: Centro Universitário de Brusque-UNIFEBE (1979-1991); Universidade Regional de Blumenau-FURB (1988-1991) e Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC (1991-2001). Além da participação com conferências em congressos, publicou vários artigos sobre imigração europeia em Santa Catarina. Orientou mais de uma dezena de teses sobre a mesma temática.

Publicações–Livros: 1) *Viver em São Martinho: A colonização alemã no Vale do Capivari* – 1ª edição – (1995), 2) *Dona Emma, história do município* (1996), 3) *Rio do Sul, uma história* [coautor] (2000), 4) *Presença e missão Dehoniana no Sul do Brasil* (2004), 5) *Paganismo e cristianismo em Roma no século IV* (2007), 6) *DIRKSEN – História de uma família* (2010), 6) *Anita Garibaldi: Retratos da Memória* (2011), 7) *Viver em São Martinho: a colonização alemã no Vale do Capivari* – edição revista e ampliada (2012), 8) *A colônia Comunitária de Jovens Heimat-Timbó* (2015).

Assim como a história de cada indivíduo é única, também a história de cada família é singular. Assim como são importantes as biografias dos grandes personagens da história, do mesmo modo, e não menos, também são as dos heroicos imigrantes e seus descendentes que, embora vivendo no anonimato, deram sua contribuição para a construção da sociedade da qual nós fazemos parte hoje.

ISBN: 978-65-997799-3-0